

O PADRE ANTONIO VIEIRA

Na historia da civilização europêa, o seculo xvii representa o periodo brilhante da diplomacia, essa tentativa de intervenção da razão no meio dos conflictos da força bruta, substituindo a violencia pelo pacto, moralizando o facto consummado pelas modificações de um mutuo accordo. Se Antonio Vieira fosse apenas o jesuita dedicado á catechese dos indigenas do Brazil, o prégador pittoresco e subtil da côrte portugueza, emfim o homem que manteve uma constante correspondencia com os principaes vultos da politica n'esse difficuloso periodo da restauração da nacionalidade, o seu nome não saíria dos annaes da Companhia, e perder-se-ia n'essa meia sombra das individualidades secundarias. A face dominante do padre Vieira é a sua cooperação diplomatica em todos os negocios que a nova dynastia dos Braganças teve de propôr ou propugnar nas côrtes estrangeiras, muitas vezes secretamente, sem conhecimento dos ministros acreditados, outras vezes espiando-os, contrariando-os, com essa argucia e malleabilidade recebida na disciplina jesuitica, e força é dizel-o, tambem com a moral de que os fins justificam os meios. Visto a esta luz o vulto de Vieira toma proporções colossaes, embora elle proprio se amesquinhe pelo habito da intriga secreta com que o faceu o seu instituto; os proprios sermões, cheios de equívocos seiscentistas, de conceitos culteranescos, adquirem um interesse particular pelas allusões ás cousas politicas da época, pelas emoções pessoaes do seu contacto com a côrte, e até pelas decepções que soffreu com as eventualidades da successão real. Os biographos de Vieira teimam em represental-o como um varão aposto-

lico dedicado á conversão dos selvagens, enquanto que elle proprio confessa que trajava á secular, tinha um grande tracto com o mundo pelas suas constantes viagens, fazia empréstimos para o governo, contractava esquadras, planeava bancos á imitação do de Amsterdam, e Companhias de exploração colonial, como a da Hollanda, andava envolvido em planos de casamentos reaes, em annexões de estados, mantendo uma correspondencia que dava bem que fazer a seis secretarios. O padre Vieira era o conselheiro privado de Dom João iv, natureza apathica e irresoluta sustentada pela mola occulta do jesuita; era elle que lhe explicava o pensamento dos seus ministros, e a elle entregára o rei a direcção espiritual e intellectual do principe herdeiro Dom Theodosio. O diplomata era incansavel; ia de repente de Lisboa a Roma, a Paris, a Haya, ao Maranhão, á Inglaterra, conspirava na sombra, dissertava publicamente nas academias e nas basilicas, tinha o dom da sociabilidade e da seducção insinuante, era tudo, menos um coração portuguez. Aquella natureza dura, tenaz, invencivel, que se agita até aos noventa annos, muitas vezes victima da complicação das suas proprias intrigas, é o typo completo do jesuita explorando essa corrente nova da diplomacia do seculo xvii. Enquanto a realeza esteve submettida á disciplina do papado, que por meio dos seus legados mantinha uma certa unidade de acção, as republicas e federações da Edade media foram lentamente e irremissivelmente absorvidas pelas monarchias; uma vez fortes, as monarchias apoiadas nos exercitos permanentes tornaram-se absolutas, abandonaram a investidura papal, e preoccuparam-se do engrandecimento dos seus estados pela conquista, hallucinadas pela ideia dos humanistas da Renascença, da realisação da *Monarchia universal*. Carlos v, Henrique viii, Francisco i e Dom Manoel obedecem a esse sonho, e o que não fizeram pela conquista procuraram conseguil-o pelos casamentos; é assim que a Casa de Austria toma esse extraordinario desenvolvimento de poder, que destróe o equilibrio europeu, e que determina como reacção a formação do reino da Prussia, a acção da França implantando a dynastia dos Bourbons em Hespanha, e o engrandecimento da Inglaterra como potencia colonial. As luctas para fixar este equilibrio transitorio, que no seculo xviii foi outra vez quebrado pelo apparecimento da Russia como grande potencia europêa, são conhecidas na historia pelo nome de *Guerra dos trinta annos*, e terminam pelo triumpho da diplomacia, com a pacificação da Europa pelo tratado de Munster, levado a cabo pela acção de uma pequena nacionalidade, a Suecia. Fallamos n'este quadro geral da diplomacia do seculo xvii e da sua obra capital, a paz de Westphalia, porque d'esta modificação do equilibrio europeu resultou a restauração da nacionalidade portugueza, a cooperação da França

na lucta da nossa independencia, e o enfraquecimento da Hollanda pelo abandono dos Braganças á alliança incondicional da Inglaterra. A figura do padre Vieira apparece no meio d'estes complicados successos, tambem preocupado com o sonho da monarchia universal na fórma apocalyptica do *Quinto Imperio*; mas a diplomacia que n'este seculo teve um destino, para elle era um meio de dispôr do poder dos principes antepondo a tudo os interesses da Companhia. « A revolução moderna, que data do seculo xiv, iniciou-se precisamente pela ruptura d'esta monarchia europêa fundada, regulada, e governada pelo papado. A diplomacia foi o expediente destinado a supprir esta falha, até que uma nova organização espirital reconstituisse systematicamente a Republica Occidental. » (Laffitte, *La Morale positive*, p. 62.) O primeiro pensamento d'essa diplomacia era o principio da independencia dos estados, acabando com a conquista brutal das grandes potencias e reconhecendo o direito á autonomia das pequenas nacionalidades; Vieira não percebeu isto, e era o primeiro a propôr a entrega de Pernambuco e da Bahia aos Hollandezes, ou a incorporação de Portugal outra vez á Hespanha pelo casamento do principe D. Theodosio com a filha de Carlos II. Antes de tudo o diplomata é um jesuita, e é esta a face pessoal e o centro de convergencia de todos os factos biographicos que se entretecem pela sua acção historica. Entremos pelo lado pessoal.

Antonio Vieira nasceu em Lisboa, a 6 de fevereiro de 1608, sendo seus paes Christovam Vieira Ravasco e D. Maria de Azevedo; a época do seu nascimento, sob o dominio hespanhol em Portugal, explica-nos a facilidade, com que na sua actividade diplomatica não hesitava na unificação dos dois estados. Em 1615, sua familia retirou-se para o Brazil, porventura pelo motivo de algum despacho politico, o que parece inferir-se, attenta a hereditariedade dos empregos, do facto de ser seu irmão mais novo Bernardo Vieira Ravasco secretario de estado no governo da colonia. No Brazil os jesuitas eram uma verdadeira potencia, fazendo da catechese um pretexto para o commercio em grosso, e entregando-se ao ensino para se apoderarem das gerações novas. Antonio Vieira frequentou as aulas do collegio dos jesuitas da Bahia, e essa criança que *nunca chorou*, não podia passar despercebida áquelles severos pedagogos, que achavam n'elle o temperamento da tenacidade e do afêro para a missão da Companhia. Na frequencia das aulas dos jesuitas, Vieira foi seduzido para vestir a roupeta, e na noite de 5 de maio de 1623 fuge da casa paterna, e recolhe-se ao Collegio. Na *Monita secreta* vem explicado o modo da seducção das crianças, o que lança uma luz sinistra sobre o passo dado por esse rapaz de quinze annos: « Os nossos conversarão familiarmente com os filhos, e se lhes parecer util á Companhia, acolhel-os-ão no Collegio, mostrando-

lhes quanto lhes possa agradar, de qualquer modo que seja para incital-os a ficarem; sobretudo, leval-os-hão aos jardins, vinhas e casas de campo e quintas, onde os nossos forem distrahir-se. Falar-lhes-hão das viagens que fazemos a diversos reinos, das relações que temos com os principes e de tudo quanto possa regosijar a juventude.» (cap. VIII.) Vieira resistiu a todos os rogos dos paes, que procuravam arrancar-o á escravidão da Companhia, e ao fim de dois annos faz os primeiros votos, depois das duras provas do noviciado, em que a obediencia e a abnegação absolutas á vontade do Geral são a consequencia de uma deformidade a que é submettido o espirito; a 3 de maio de 1625 passou á classe dos Escholares, ligando-se então por votos secretos, e tomando cargo das obrigações do ensino. Foi mandado ensinar rhetorica no Collegio de Olinda, e depois philosophia dialectica. O ensino jesuitico baseava-se unicamente na memoria, essa faculdade passiva, unica que subsistia e com que se acabava de estafar a intelligencia dos que abdicavam da propria individualidade. O ensino era de uma disciplina violentissima, pela dependencia das rezas quotidianas e pela inanidade das disciplinas em que nem a Mathematica, as Sciencias naturaes, a Historia, a Geographia e o Direito entravam por fórma alguma; traduzia-se do grego para latim e do latim para grego, e commentavam-se grammaticalmente e rhetoricamente poetas classicos sem correlação entre si, misturados com os padres da igreja. Seguia-se desde a Rhetorica até a classe de sexta, como quem acompanha um instructor de recrutas, e este vacuo moral era attenuado com divertimentos escolares, profundamente aborreciveis, os *Ludi priores*, em que se representava uma comedia grega ou latina que precedia a distribuição dos premios, os *Ludi solemnes*, ou tragicomedia de grande apparato, com discussões, theses e poesias; acabava-se a educação por se ficar moralmente quebrado, palavroso, argumentador banal, prompto para justificar todas as transigencias. Os biographos de Vieira exaltam o grande tino argumentador de Vieira e a sua argucia de interprete, terrivel consequencia d'essa disciplina pedagogica. No ensino da Theologia, Vieira explicava os prophetas, e d'esta sua primeira actividade lhe ficou a tendencia para o allegorismo com que tratava os textos biblicos nos seus sermões, e essa seducção pelas phantasmagorias messianicas que tanto o fizeram soffrer com o livro do *Quinto Imperio*. Os primeiros trabalhos de Vieira foram apostillas escolares, e commentarios das tragedias de Seneca, bem como traducções de cathecismos nas linguas dos selvagens do Brazil. Em algumas paginas autobiographicas, Vieira diz que aos dezeseite annos já redigia as Annuas em latim que eram enviadas da Provincia ao Geral para Roma; aos dezoito annos era mestre de primeira, commentando por escripto Seneca, Josué e o

Cantico dos Canticos; aos vinte annos frequenta theologia e os Superiores permittem-lhe redigir uma apostilla para as suas proprias lições; aos trinta annos é eleito mestre de theologia. Vieira passou ao terceiro grão da Companhia, dos Coadjuutores espirituaes, e depois de ter dito a primeira missa em 1635, começou a exercer as funcções da predica, inherentes ao terceiro grão. As suas provas estavam dadas, e só lhe faltava a idade para se elevar a Professo, e ser admittido ao quarto voto, pelo qual reconhecia o Papa como o unico poder legitimo na terra. O grão dos Professos é o patriciado da Companhia, ao qual pertencem os Superiores das missões, os Directores dos principes, os Admonitores, Reitores e Procuradores. Vieira cumpriu estes requisitos, percorrendo em missões durante cinco annos todas as aldeias da Bahia, e depois entrando nas funcções politicas, que começaram em 1641 e o levaram rapidamente a apoderar-se do espirito de Dom João iv, a ser o seu embaixador, e o mestre e confessor do principe herdeiro Dom Theodosio. Vieira cumpriu á risca o espirito da *Monita secreta*. As trepidações do equilibrio europeu determinaram a sublevação da Catalunha e a Revolução de Portugal em 1640; á falta de um rei, os restauradores portuguezes serviram-se do duque de Bragança, Dom João, casado com uma dama hespanhola, e que vivia na opulencia da sua casa de Villa Viçosa, alheio aos destinos de Portugal escravo. O duque acceitou o movimento depois de consummado, e depois que o jesuita Lami lhe assegurou o apoio da côrte de França, que procurava annullar a Casa de Austria em Hespanha. A revolução nacional triumphou pelo conjuncto das circumstancias excepçionaes da Europa que determinaram a paz de Westphalia, e Dom João iv achou-se rei de Portugal, por delegação da soberania conferida pelas côrtes de 1641. O successo eccoou sobre todos os dominios portuguezes, que adheriram immediatamente á restauração, e o Vice-rei da Bahia, nomeado por Castella reconheceu immediatamente a independencia portugueza, enviando seu filho Dom Fernando de Mascarenhas á Europa a comprimentar Dom João iv e offerecer-lhe a sua homenagem. N'esta missão politica apparece como mentor do filho do Vice-rei, o padre Vieira, acompanhado com outro jesuita o padre Simão de Vasconcellos; partem da Bahia a 27 de fevereiro de 1641 e chegam a 28 de abril a Lisboa, conseguindo Vieira logo ao fim de dois dias fallar a Dom João iv. O astuto jesuita vinha possuido de todos os expedientes da *Monita*, e tratou de apoderar-se do animo do rei, e fazer-se valer na côrte; cumpria o capitulo xvii, que diz: « ha que mudar de politica segundo as circumstancias, excitando os principes nossos amigos a declararem-se mutuamente guerra, sem treguas, a fim de que implorando por todas as partes o soccorro da Sociedade, esta possa empregar-se na

reconciliação publica, conducta que não deixarão os principes de recompensar com os principaes beneficios e dignidades.» (§. 8.) Logo em 1641, o padre Vieira propõe a Dom João iv a formação de Companhias de commercio para a exploração á moda hollandeza do Brazil e da India; propõe mais a modificação da penalidade dos christãos-novos, abolindo o confisco dos bens dos condemnados pela Inquisição, para assim não afastar os capitaes do commercio. Sobre a aristocracia portugueza, Vieira que se vangloriava no tribunal do Santo Officio da sua experiencia mundana, exerceu immediatamente um perstigio fabuloso pela fórmula pittoresca dos seus sermões, e pela correspondencia affectuosa e activa com toda a nobreza. Os sermões no seculo xvii eram um passatempo que suppria as gazetas e os espectaculos theatraes, em uma sociedade asphyxiada pela falta de liberdade de consciencia, e separada de toda a communhão intellectual da Europa. No 1.º de janeiro de 1642 Vieira appareceu pela primeira vez no pulpito no collegio jesuita de Sam Roque, e era tal o fervor da moda de ir ouvil-o, que Dom Francisco Manoel de Mello, em uma das suas cartas, falla da vaidade com que a aristocracia mandava estender tapetes em Sam Roque para ouvirem o padre. Vieira era um improvisador; servia-se de todas as circumstancias casuaes para adaptar-lhes os textos das escripturas, introduzindo-lhes sentidos propheticos, e impondo-se como uma extraordinaria capacidade politica. Foi facil captar o animo semi-demente de Dom João iv, adquirindo um extraordinario valimento no paço; elle carteava-se com os principes; recebeu do rei a cifra secreta da correspondencia dos embaixadores; foi nomeado prégador da capella real; o rei entregou-lhe a educação intellectual e a consciencia de seu filho o principe Dom Theodosio; quiz fazel-o seu embaixador na Hollanda, e mandou-o com missões secretas, e algumas d'ellas criminosas de lesa-nacionalidade, a varias côrtes europêas. O padre Vieira cumpria as instrucções da *Monita*, que lhe impunham: «É preciso consagrar os nossos esforços a attrahir o animo e sympathia dos principes e pessoas mais importantes, a fim de que ninguém se atreva contra nós, antes pelo contrario todos de nós dependam. (cap. II, §. 1.) — Para tornarem-se senhores do espirito dos principes será util que os nossos se insinuem habilmente e por meio de outras pessoas, para desempenharem por elles embaixadas honrosas junto de outros principes e reis... (§. 4.) — Envolver-se nos casamentos reaes.» (§. 5.) Estas prescripções são a synthese da biographia do padre Vieira até ao tempo em que se recolhe ao collegio do Maranhão; tinha entrada franca no paço, estava presente ás conferencias do rei com os ministros, vivia nas secretarias de estado, possuia a cifra cujo conhecimento só competia ao ministro Pedro Fernandes Monteiro, e os tribunaes e juntas eram obriga-

das a ir conferenciar com o jesuita, cujo parecer era apresentado por escripto ao rei, que com uma ingenuidade boçal lhe pedia que fizesse isso *sem labia*. Este immenso poder e influencia de Vieira produziu um certo descontentamento na Companhia, que não queria nunca exercer o seu poder directamente e tanto ás claras, sobretudo na situação em que se achava Portugal cuja independencia não era reconhecida em Roma; a tradição e algumas palavras de Vieira levam a crêr que houve projecto de expulsal-o da Companhia, o que se não effectuou pela intervenção opportuna de Dom João iv. A Inquisição tambem não olhava com bons olhos para Vieira, não só por causa do plano da abolição da pena de confisco que pesava sobre os christãos novos, como pelo velho odio entre os Dominicanos e Jesuitas. A doutrina dos Dominicanos, formulada por Sam Thomaz, sobre os bens dos judeus era: « Os judeus, ainda mesmo que elles não pratiquem nenhum acto de sedição, podem ser despojados de tudo quanto ganharam pelo commercio, comtanto que se lhes deixe o necessario. » O padre Vieira, como jesuita, membro d'essa vasta feitoria de exploração commercial da America, professava doutrinas oppostas, impostas pelas circumstancias da Companhia. Era tambem doutrina dos thomistas, posta em pratica pelos Dominicanos no tribunal do Santo Officio: « Os sacrilegos serão punidos pelo confisco e pela morte. » O padre Vieira tendo tambem reagido contra esta doutrina desastrosa, que conduzira a nação á miseria e á idiotia, incorreu nas iras da Inquisição, em cujos carceres foi cahir depois da morte de Dom João iv. No meio d'estes conflictos e intrigas, em que Dom João iv não se entendia, mandando matar o fiel ministro Francisco de Lucena, e perseguir homens dedicados como o Marquez de Montalvão e Mathias de Albuquerque, Vieira apenas se afastou momentaneamente da côrte, desenvolvendo as suas phantasmagorias apocalypticas do *Encuberto*, com que explicava a missão providencial de Dom João iv, realisando o *Quinto Imperio*, no Brazil, e mudando de politica segundo os tempos, symbolisando a acção futura do principe Dom Theodosio, e mais tarde o roubo do throno feito por Dom Pedro ii a seu irmão. Vieira ligava-se assim pela hallucinação mystica ao valimento da côrte, e Dom João iv, não podendo resolvel-o a ser seu embaixador na Hollanda, tornou-o o negociador dos variados casamentos que projectava para o principe. A ideia do *Encuberto* desenvolvia-se no espirito de Vieira por elle não acreditar na independencia de Portugal; elle demonstra a Dom João iv, que é impossivel resistir contra a Hespanha colligada com a Hollanda e com a indiferença da França. Vieira é de voto que se abandonem aos Holandezes Pernambuco e Bahia, e que se lhe dê uma fortaleza do reino como penhor, comtanto que se faça a paz, para reduzir a

guerra com Hespanha á defensiva. O Desembargo do Paço opinou que a realisação d'esse plano, que Dom João iv mandou propôr, era simplesmente a perda do Brazil, e a redução de Portugal á situação de uma Galliza. Não podendo levar-se a effeito este abandono do Brazil, operado mais tarde por outro Bragança, Dom Pedro iv, voltaram-se para os planos de casamento do principe, em que Portugal era entregue á França ou a Hespanha, em dote da princeza que casasse com Dom Theodosio, como Bombaim foi entregue mais tarde com a infanta D. Catherina a Carlos ii de Inglaterra. Vieira era, segundo o espirito da *Monita*, o contractador d'estes casamentos. Vieira não era portuguez, mas jesuita para quem *toda a patria é uma terra estrangeira, e toda a terra estrangeira é uma patria*; pouco se lhe dava que Dom João iv cedesse Pernambuco aos Hollandezes, comtanto que a Companhia continuasse as suas explorações no Brazil; pouco se importava o jesuita que Dom João iv trocasse Portugal como provincia de Hespanha pelo titulo de Rei do Brazil, comtanto que os Jesuitas ficassem com o governo temporal do novo estado, cujos elementos autochtones estavam alliados ao seu partido. Esta doutrina da negação da patria corresponde á crença do *Reino de Deus*, espalhada na egreja por Hincmar, Hugo de Santa Maria, Sam Bernardo, Guilherme Peraud, e Sam Thomaz de Aquino, e que Vieira fez reviver na sua argucia adaptando-a ás suggestões politicas da côrte de Dom João iv, e ligando-a á credulidade popular pelas *Trovas* do Bandarra, impressas pela primeira vez em Nantes em 1641, para servirem este intuito.

As colonias portuguezas do Brazil não quizeram reconhecer o dominio hollandez, e sob o commando dos sublimes patriotas João Fernandes Vieira e André Vidal de Negreiros revolucionaram-se e reconquistaram com inaudito heroismo a sua liberdade; o padre Vieira condemnava esse movimento, e ultrajava o patriotismo dos bravos que luctavam pela sua nacionalidade, influindo, para que Dom João iv os abandonasse á sua propria resistencia. A sublevação de Pernambuco em 1646 destruiu os planos de Dom João iv da cessão á Hollanda, e Vieira fel-o mudar de politica, indo tractar das allianças por um casamento real. É em 1646 que Vieira sae de Portugal, desembarca a 8 de março na Rochella, vae a Paris, toma o caminho de Ruão, e depois por Calais, parte para Flessinga e para a Haya. Qual o motivo d'estas missões diplomaticas, nunca Vieira o declarou, postoque alludisse bastantes vezes á altissima importancia d'esses negocios não confiados ao papel. Por um manuscripto achado no archivo do Marquez de Nisa, sabe-se que o padre Vieira levava a missão de contractar o casamento do principe Dom Theodosio com a duqueza de Longueville, passando Dom João iv a ser rei do Brazil, e ficando o reino de Portugal sob o governo de Condé. Não se

realizou este plano, porque a duquesa era casada clandestinamente com Lauzan. Vieira era fecundo em planos, e mudou o caso para o casamento do príncipe com a filha mais velha do Duque de Orleans, vindo o pae da noiva tomar conta do governo de Portugal. O velho Duque não via os negocios de Portugal bem parados e pretextou um compromisso com o Pretendente de Inglaterra. A independencia de Portugal esteve jogada aos dados por aquelle que recebe na rhetorica official o titulo de *restaurador*! O padre Vieira regressou a Portugal, sendo em 1647 nomeado para dirigir ou assistir Dom Luiz de Portugal no congresso de Munster, onde se redigiu o tratado de Westphalia, que fundou o direito publico da Europa, e em que a politica até então ecclesiastica teve uma base humana e um espirito secular, como a caracteriza Henri Martin. A situação de Portugal, postoque não entrasse no Congresso de Munster, melhorou em virtude do espirito de pacificação do tratado; as tergiversões do Cardeal Mazarino com relação ao reconhecimento da independencia de Portugal suscitavam em Vieira o pensamento do abandono de Portugal á Hespanha, e a transferencia da dynastia de Bragança para o Brazil, d'onde foram batidos os Holandezes; o jesuita andava munido de plenos poderes para fazer na côrte de França todas as concessões que pudessem sustentar por qualquer fórma o throno da nova dynastia dos Braganças. O padre André de Barros, jesuita tambem, na *Vida do padre Vieira* dá conta da terrivel missão que este desempenhára em Roma em 1649, e era nada menos que o conluio com o jesuita Gonzales de Mendoza, que assistia como adjunto ao embaixador hespanhol Duque do Infantado, para arranjar o casamento da filha de Carlos II de Hespanha com o príncipe Dom Theodosio, ligando-se assim as duas nações por um vinculo indissolvel. O embaixador hespanhol enfureceu-se quando lhe communicaram este plano, e ameaçou Vieira de que mandaria assassinal-o, exigindo do Geral que o despedisse immediatamente de Roma; não se fez a união iberica porque Carlos II não quiz em menoscabo dos seus direitos contractar com o rebelde que se intitulava Dom João IV. Os planos de casamento continuaram pela actividade e espirito de intriga de Vieira, e agora era o casamento da infanta D. Catherina com Dom João de Austria, passando Dom João IV para o Brazil; segundo Vicquefort, o rei de Hespanha apenas concedia que Dom João IV ficasse rei dos Açores, ou segundo novo alvitre rei da Sicilia. Nada conseguindo diplomaticamente com a Hespanha, Vieira ainda se lembra de fomentar uma sublevação em Napoles, achando-se outra vez em Roma, para esse fim em 1650. A retirada de Vieira para o Maranhão em 1652, significa por assim dizer uma tregua na intriga, e o afastal-o do príncipe Dom Theodosio, levado pelas suggestões espirituaes a actos de

desobediencia contra seu pae. O principe morreu prematuramente com dezenove annos de idade, e assim se interromperam os planos de ceder Portugal em dote á infanta de Castella.

A Companhia estava cansada da acção ostensiva do padre Vieira, e desde 1644, que o mandára recolher ao Maranhão; debalde pretextou o padre missões politicas a Madrid e a Saboya, collocando-se em uma collisão entre as instancias do paço e as ordens do Geral; por fim sempre teve de partir, em 22 de novembro de 1652. Quando se achava no Maranhão chegou a noticia da morte prematura do principe Dom Theodosio, succedida em 15 de maio de 1653; Vieira lamenta este golpe nas suas esperanças futuras, dizendo em um sermão de exequias: «Com os religiosos da Companhia se confessava S. A.; aos religiosos da Companhia consultava; pelos livros dos religiosos da Companhia lia; e se entre os maiores ou menores cuidados do estudo e do governo havia de tomar uma hora de recreação, com os religiosos da Companhia a tomava. Muito perderam os religiosos da Companhia no principe Dom Theodosio...» Vieira tinha no futuro herdeiro do throno um jesuita do quinto grão, um *Coadjutor temporal*, dos que vivem na hierarchia secular; perdido este extraordinario auxiliar que se prestaria a fazer de Portugal um novo Paraguay, convinha ao padre Vieira vir á côrte para conhecer o animo do principe Dom Affonso, que era o herdeiro presumptivo. De facto a proposito de questões entre os varios interesses de escravatura e trabalho dos indios, Vieira veiu a Lisboa em 1655, mas o seu regresso ao Brazil, em 16 de abril d'esse mesmo anno prova que achou na côrte uma profunda desconfiança, que se evidenciará mais tarde, postoque o rei lhe concedesse por provisão de 9 de abril de 1655 o exclusivo das Missões para a Companhia. Mudando de politica segundo os tempos, Vieira entregou-se ao trabalho das Missões até ao anno de 1661, e a pretexto das missões foram invadindo a esphera civil os jesuitas a ponto de se dar um profunda sublevação do povo do Maranhão, Bahia e Pará, e ser preso o padre Vieira em 1660, vindo n'esse mesmo anno a Lisboa, com outros jesuitas desterrados. Vieira encontrou a côrte totalmente mudada; Dom João iv era morto havia quatro annos; o principe herdeiro entregava-se á mais estrondosa devassidão; a viuva regente D. Luiza de Gusmão preocupava-se com a segurança da sua dynastia, e não podia attender ás queixas do padre; elle então lançou mão da arma favorita, e prérgou e sermão da Epiphania em 6 de janeiro de 1661, na côrte com pungentes allusões. Segundo as Instrucções secretas de Dom João iv, Dona Luiza de Gusmão devia abandonar Portugal aos hespanhoes, e refugiar-se no Brazil com a familia real e fixar alli a dynastia de Bragança; o tratado dos Pyreneos entre a França e a

Hespanha, em 1661, deixava Portugal sem apoio para a lucta da sua independencia; Dona Luiza de Gusmão pensando na necessidade immediata da retirada, nomeou Francisco de Brito Freire governador de Pernambuco, para ir preparar o asylo para a dynastia. É crível que Vieira entrasse n'estes planos, attenta a circumstancia de derivarem das instrucções secretas de Dom João iv, e sobretudo pela audacia com que o padre leu uma severa allocução ao principe Dom Affonso. Vieira não tinha o apoio da côrte, temiam-no pelo character aventureiro das suas intrigas, e porventura já se havia envolvido n'essa complicada e obscura trama que procurava tirar o throno ao devasso Dom Affonso vi para dal-o a seu irmão Dom Pedro. É certo que Vieira soffreu um afastamento ou desterro para o Porto em 1662, e em 1663 para Coimbra, onde foi denunciado ao Santo Officio e processado em 1664, sendo preso em 1665 e saindo sómente ao fim de dois annos. A Companhia que por vezes projectára expulsal-o, n'este momento, em que os Dominicanos lançavam o repto contra os Jesuitas processando um dos seus luminares, protegeu Vieira, que se mostrou inquebrantavel.

O partido que explorava a devassidão de Dom Affonso vi, e que estava no poder suspeitou vêr nas allusões do *Encoberto* o principe Dom Pedro, que veio mais tarde a expoliar o irmão da propria mulher e do throno; Vieira foi agarrado pelo Santo Officio sob a accusação de *tepido!* Na linguagem inquisitorial esta palavra significava o crime de não ser de voto que os judeus e christãos novos fossem queimados vivos, e que se lhes confiscassem os bens, com desvantagem do commercio; era tambem accusado de meditar reformas do tribunal da Inquisição, e de considerar nocivas as ordens monasticas pela sua excessiva multiplicidade. A base positiva da accusação eram os seus livros da *Clavis Prophetarum* e do *Quinto Imperio*. Vieira soffreu terriveis interrogatorios, argumentou, declamou, protestou para repellir de si a mancha de heterodoxia; é bastante curiosa a apologia em que elle se defende das accusações estupidas, deixando alguns traços da sua autobiographia. Na Ponderação 8.^a, que anda junta ao processo, diz que: foi sempre bibliothecario em todos os collegios da Companhia, e que durante as suas viagens frequentou as melhores livrarias do mundo; e sobre os seus sentimentos caritativos: «cheguei a dar até a propria cama, dormindo sobre uma esteira de tabúa.» E do seu trabalho das missões: «indo muitas vezes quatro e seis leguas a pé, e muitas vezes quinze e vinte, atravessando bosques e rios sem ponte nem caminho, caminhando de dia e de noite para confessar um Indio enfermo.» Conta como em uma viagem para Portugal se virou o navio no mar, e como tendo embarcado vinte e duas vezes por interesses religiosos, foi tambem victima dos corsarios sendo roubado

e lançado na ilha Graciosa com mais quarenta e um passageiros; conta como se empregou durante nove annos nas missões do Maranhão, navegando por este tempo mais de quatorze mil leguas por agua doce e salgada, além de muitas terras e desertos sempre a pé; como compoz seis cathecismos na lingua geral da costa do mar, na dos Nhingâibas, na dos Bôcas, na dos Jumunas, e dois na lingua dos Tapajós. Como bom jesuita, excitava os sentidos dos selvagens, por meio de Autos, dansas e mascaradas religiosas: «E para verem da mesma maneira com os olhos o mysterio do Nascimento de Christo, *cujá solemnidade fazia celebrar com Dialogos* na sua lingua representados por seus proprios filhos, mandava tambem ir de Portugal as imagens do Presepio e outras curiosidades d'aquella festa, de que se paga ainda gente de maior entendimento.» Na referida Ponderação autobiographica, diz como recebia dos Dizimos do Brazil mil cruzados annualmente, por ordem de Dom João IV, os quaes juntos com o seu ordenado de prégador regio, e com a contínua liberalidade da rainha e dos subsidios da Junta da Propagação da Fé, e esmolas particulares que angariava, dispendera para mais de cem mil cruzados nos nove annos de missão; e conta as conversões que fez entre os selvagens Potiguaras, Tupinambas, Caatingas, Pacajas, Poquis, Marnaijanas, e Anajas, bem como o começo da catechese entre os Aroaquis e Tucujus. A Inquisição não fez caso d'estes factos extraordinarios, e impoz a Vieira que reconhecesse os seus erros; o Jesuita era inflexivel e por pouco iria parar á fogueira, se o Papa Alexandre VII não interviesse recommendando-lhe a retractação. A sentença da Inquisição foi dada a 23 de dezembro de 1667, sendo Vieira condemnado a perder voz activa e passiva, prohibindo-lhe a prédica e ordenando que o consummado theologo fosse recolhido a um collegio de noviços! Outro qualquer rebentava; Vieira ouviu lêr a sentença infame de pé, durante duas horas, immovel, com os olhos cravados em um crucifixo do tribunal. E isto depois de vinte e sete mezes de carcere incommunicavel! N'este tempo triumphára a conspiração a favor de Dom Pedro II, e a dôr do padre Vieira foi ainda aggravada pelo abandono d'aquelles com quem cooperára, encontrando da parte do novo soberano certa frieza e afastamento. Em 1668 a Inquisição perdoou-lhe a pena, mas Vieira como incansavel partiu para Roma a pretexto de ir tratar da canonisação de quarenta santos da Companhia, mas com o intuito de obter do papa a annullação da Sentença da Inquisição. A sua recepção em Roma foi em triumpho, como um desaggravo que lhe dava a Companhia; alli se fez admirar como prégador, e como orador academico na conferencia erudita promovida entre os sabios de Roma pela vaporosa Christina rainha da Suecia. Clemente X concedeu-lhe isempção da

jurisdição do Santo Officio, e o modo como era recebido no estrangeiro, revela-lhe o contraste da sua situação na patria cuja ingratitude increpa em um sermão de Santo Antonio. Em 1675 regressa a Portugal ainda com a esperança de entrar no valimento de Dom Pedro II; mas os Braganças foram sempre ingratos. O padre Vieira não pôde vencer o juizo que se formava da sua capacidade diplomatica, expresso pelo Conde da Ericeira no *Portugal Restaurado*: « Como o seu juizo era superior e não igual aos negocios, muitas vezes se lhe desvaneceram por querer tratá-los mais subtilmente do que os comprehendiam os outros principes e ministros, com quem communicou muitos de grande importancia. » Por outras palavras, o rei e os ministros tinham medo das intrigas do padre; assim, retirou-se descontente para a Bahia, em 27 de janeiro de 1681, recolhendo-se á quinta do Tanque, na convivencia do seu inseparavel companheiro o padre José Soares, que o provocava á compilação completa de todos os seus Sermões e escriptos moraes. Apesar do retiro em que vivia, alli lhe chegavam os ruidos das malquerenças que o seu talento levantára, como o de ter sido queimado em estatua em Coimbra. Por 1683 deu-se o caso do assassinato do Alcaide-Mór, em que os inimigos do padre Vieira tentaram incriminal-o com outros, envolvendo-o em um processo que durou até 1687; mas vencendo esta perfidia, a Companhia deu-lhe a patente de Visitador da Provincia do Brazil em 1688, cargo em que tinha de dispender uma energia superior ás forças da sua idade. Já na extrema velhice e carregado de serviços, achou-se ainda envolvido em um processo na propria Companhia, sendo condemnado por *crimine ambitus*, isto é, por ter revelado o seu pensamento em uma eleição do Procurador da Provincia, que no congresso feito no Collegio da Bahia em 1694 havia de ser nomeado para ser mandado a Roma. A pessoa a quem revelára o que pensava sobre quem devia ser eleito, era o padre Ignacio Faya; Vieira luctou os ultimos annos da sua vida para lhe ser annullada a sentença, mas só depois de ter fallecido em 18 de julho de 1697, é que o Geral lhe mandou a absolvição e reconhecimento da sua innocencia. « Os Jesuitas, espiões uns dos outros, e ciumentos e invejosos d'aquelles que têm o segredo, a auctoridade e a consideração que ella lhes dá muito acima dos provinciaes e dos outros superiores, são tambem maravilhosamente ingratos para com aquelles mesmos que, tendo estado nos primeiros logares ou tendo servido a sua Companhia com o maior trabalho e mais successo, se lhes tornaram inuteis pela sua idade ou por suas enfermidades. Elles os olham então com desprezo, e sem attenção devida á sua idade, seus serviços e seu merito, os deixam na mais triste solidão, e choram-lhe tudo até o alimento. Eu vi tres exemplos com os meus

olhos em tres jesuitas, pessoas de bem e de grande piedade, que tinham tido empregos de talento e confiança, e a quem me ligava uma grande amizade. » ¹ Vieira sentia-se morrer lentamente, perdendo o ouvido, a vista, os movimentos; e com noventa annos já feitos, ainda supportou duas sangrias, segundo a medicina selvagem d'aquelle tempo, o que com certeza apressou a sua morte. Plinio, escrevendo a Tacito, dizia-lhe: « Felizes os que sabem praticar cousas dignas de serem escriptas, ou de escreverem cousas dignas de serem lidas. » Tal é a característica do grande homem; Vieira teve esta dupla capacidade, amesquinhada pela absorpção absoluta da Companhia, que teve n'elle um extraordinario poder de resistencia, usando-o sem que elle nunca se quebrasse; a sua vida de *acção* gastou-se em intrigas de côrte e em fadigas de catechese e disciplina, a sua vida *especulativa* dispendeu-se em sermões allegoricos, esse molde esteril do humanismo do seculo xvii. O que não seria essa portentosa natureza, se em vez de ser levado na corrente do retrocesso jesuitico, tivesse tido a fortuna de descobrir na mocidade a orientação scientifica de seculo do Descartes!

THEOPHILO BRAGA.

¹ *Mem. complètes et authentiques du Duc de Saint-Simon*, xvii serie, p. 76. (Ed. Barba.)

A ORPHÃ

I

Conheci-as ambas, pobres creanças! E, desde que as conheci, segui-as sempre, na curta ellyptica que descreveram nos horisontes da vida, com a sympathia magnetica, irresistivel, que nos inspiram os entes frageis, bons e desditosos: segui com dolorido interesse aquellas duas mallogradas creanças que desabrocharam enfezadas, sem frescura, nem exuberancia de seivas na sua puberdade, entre outras florescencias luxuriantes de viço primaveral, e apertava-se-me o coração de vêr aquelle pendor despreoccupado e inconsciente para uma morte prematura, um estiolamento precoce, uma anteci-pação outonal, desoladora, em pleno refflorir de perfumado abril.

Quando me levantava oppresso da banca de trabalho e chegava ao peitoril da janella, avido de uma diversão qualquer, de um desafogo, de um pouco de ar novo que eu inhalava com sofreguidão a plenos haustos, para logo automaticamente o meu olhar des-cia do segundo andar em que me alcandorava, e penetrava curioso e complacente no escriptorio fronteiro ao rez do chão, onde morava a Luizita.

Se não a via avergada, em um esforço demasiado, sobre a mesa alvejante, achegada ao peitoril da janella, movendo o ferro de engommar com penosa e contristadora lentidão é porque, lá mais no interior, ella se acurvava com uma contensão afanosa, que lhe apressava o depauperamento do organismo franzino, sobre a ma-

china de costura, cujo matraquear frenetico e fatigante tinha uma repercussão dolorosa na minha intima sensibilidade. E, se não eram estes os trabalhos que a occupavam, estivessem certos então que não iam topal-a inactiva, enquanto lhe sobejou um todo-nada de saude; mas vêl-a-hiam na faina domestica, ou desvelando-se em cuidados de enfermeira junto do catre em que a mãe cahira doente para só d'ali sahir para o cemiterio.

Activa, sim, mas não d'aquella actividade que brota espontanea e vivaz da saude, da alegria, da felicidade, e que só de vêr-se nos estimula jubilosamente as energias vitaes. Na existencia movimentada da Luiza havia a lentidão triste e morbida d'aquelles que nos calidos risos de um sol glorioso em pleno azul primaveral só vêem uma negaça zombeteira e uma ironia cruel.

A esse tempo, quando eu fui habitar a casa que me convisinhou da Luizita, já eu não lhe conheci a mãe que pouco antes se finára.

«Linda como uma Nossa Senhora, aquella Josephina» — informava a snr.^a D. Anna de Jesus, minha respeitavel hospedeira, uma boa creatura, viuva de um major reformado das campanhas da liberdade.

— Fazia afflicção a todos que conheceram aquelle primor de rapariga vêl-a nos ultimos dias da sua vida — proseguia a minha informadora. — Aquillo até fazia chorar as pedras. E mimosa como uma fidalga, nem parecia uma creatura da sua classe. Tinha uma dignidade que tomaram muitas senhoras de tom chegar-lhe aos calcanhares. Quando ella ia ao domingo por essa rua abaixo muito direitinha *tac tac* nos seus tacões, era para vêr como todos os olhos se ficavam n'aquella perfeição! Ai! aquella... quizesse deitar tafularias... mas isso é que não. Peccou, é verdade, fados do mundo!... era uma creança, mas não que a natureza a levasse para o mal. Coitada! merecia outra sorte! altos juizos de Deus!... Quando para ahi veio já trazia a pequena, mas ainda alegre como um pardal; só depois de certo tempo entrou a desmerecer, a andar trstinha, a chupar-se que era uma dôr de coração. Já trazia no corpo a molestia que havia de leval-a, e depois ainda por cima aquella paixão mais depressa acabou com ella. Mal empregada foi, pois merecia que dêsse com um homem que a estimasse, se merecia!... Uma pomba sem fel. Era a filha sem tirar nem pôr, assim levesinha como a Luiza, e n'aquelles ares sérios e trstinhos é como quem está a vêr a outra, mas já para o fim da vida. Tambem só n'isso se parece, porque quanto ao palmito de cara, a mãe sempre era outra louça mais fina. Não que eu ache a Luiza feia; até não póde haver creatura mais sympathica, mas pelos modos tira mais ao pae...»

A Luizita já me tinha captivado muito para deixar de me inte-

ressar tambem pela mãe. Estava, pois, todo suspenso da narração da minha hospedeira; queria saber toda a biographia da Luizita que já era para mim um interesse na vida.

— E aquella linda creança que vem tantas vezes a casa da Luiza com uma criada? — continuei de inquirir.

— A Laurinha... Isso já vem de longe. Quando a mãe de Luiza para ahi veio, pelos modos tinha grandes amizades com a outra criada que d'antes acompanhava a Laurinha. Volta e meia a criada estava de visita á amiga, e d'ahi veio as duas pequenas tomarem conhecimento. Emquanto a Josephina e a criada conversavam, as duas pequenas brincavam; a Laurinha trazia-lhe dos seus melhores brinquedos que deviam custar caro como fogo; até lhe deu uma boneca vestida com uma riqueza que parecia um figurino. Á Luizinha nem fazia apreço d'estas coisas tão caras, e em troca uma vez foi muito contente com um menino Jesus de barro que parecia mesmo um aleijão, o Senhor me perdôe!... Em tão boa hora se conheceram, que ficaram para sempre amigas, e a Laurinha nunca mais deixou de vir por ahi. Não que mesmo parecia incrível uma amizade assim pela pobre engommadeira em creança habituada a tantos luxos, parecia um feitiço! Até quando a Josephina cahiu de cama, chegou a ter artes de trazer ahi a mãe, uma madama mesmo de tom, e muito boa senhora, valha a verdade. E fez-lhe muito bem durante a doença, bem empregada riqueza, Deus lh'o pague! Bem se vê que a Laurinha sae á mãe...

— E muito parecidas são estas duas crianças! — atalhei eu — Se as vestissem com fato igual e a Luiza tivesse a alegria da outra, era de se confundirem, não lhe parece?

A estas palavras a minha hospedeira levantou os olhos da costura, e, tirando os oculos de grosso aro de metal, como era vêso nos momentos solemnes, confirmou com voz pausada:

— Muito parecidas, não é verdade?

E depois, esbugalhando um olhar sibyllino, ao mesmo tempo que meneava a cabeça, concluiu resmoneando:

— Hum... hum... ahi é que bate o ponto... Olhe, o que lhe sei dizer é que a Laurinha se parece mais com o pae do que com a mãe. Mas cala-te, bocca, a verdade só Deus a sabe...

Os ares mysteriosos da minha hospedeira davam-me pruridos de curiosidade, que por fim ella não podia inteiramente satisfazer. A Josephina não era nenhuma dissimulada, a sua vida era transparente como o crystal; sómente em um recantosinho intimo do seu viver cerrava-se como abelha em cortiço.

Nos primeiros tempos a Josephina vivia feliz; na rua caminhava com movimentos desempenados e leves, mas sempre sériinha, muito composta nos seus ares de dignidade. As da sua igualha,

mas desmanchadas de maneiras, diziam que ella tinha muita *chier-ra*. Em casa lidava sempre radiosa, o olhar luminoso, emulando-se em alacridades com o seu canario.

Sómente uma tossesinha sêcca a affligia, e, de quando em quando, algum accesso mais violento prostrava-a no physico e abatia-a no moral. Então o bistro das olheiras accentuava-se mais intenso e as faces setinosas desmaiavam do roseo lacteo para uma tonalidade livida. Comtudo eram fugazes estas atonias a que resistia a principio a seiva dos vinte annos.

Veio, porém, um dia em que a Josephina appareceu transfigurada. Dias antes ninguem pudera avistal-a, e a Luiza interrogada informava que a mãe não andava boa da tosse, e estava quasi sempre deitada, a chorar muito porque se sentia mais doente.

D'esta vez a physionomia apparecia decomposta n'um emaciamento desusado, e a orla violacea dos olhos tinha uma reintrancia mais negra. Fazia lembrar uma bella rosa que ainda na vespera vramos radiosa e no dia seguinte nos apparece murcha, pendida da haste sem brilho, nem frescura.

Desde então, melancolica e abatida, perdera o viço, a saude e a alegria para sempre.

E os accessos de tosse ameudavam-se, e a pobre Josephina, triste e acabrunhada, arrastava a existencia como se fôra um fardo insupportavel; decahida da antiga garridice, desmazelada no vestuario, sahia pouco; mas activa sempre, redobrando de ardores facticios ao passo que a vibora da doença, que lhe fizera ninho no peito, lhe ia sugando a vida.

Ainda viveu assim um anno em intermittencias de torpores e frenesis de trabalho, até que acamou um dia. Felizmente a Luiza já trabalhava como uma mulher, e demais a Laurinha foi então como que uma providencia que tivesse raiado n'aquella casa. Isso valeu á Josephina para não experimentar sobre a doença a miseria.

— Nunca faltou nada á boa Josephina — esclarecia a minha hospedeira — e quando ella já se finava com o fastio, era só appetecer alguma coisa que logo no dia seguinteahi estava o que ella desejava. Ainda ha gente boa e de caridade, e tambem na visinhança todos faziam o que podiam. Pobre Josephina! E depois bem se via que ella não morria só da doença mas tambem de alguma grande paixão. Ainda me sinto arrefecer toda cá por dentro só de me lembrar d'aquella rapariga linda como uma pintura, e depois, n'um prompto, mirrada que parecia uma velhinha, como eu a via todas as vezes que lhe passava á porta e deitava a vista lá para o fundo da alcova. Era no verão, e ainda assim enroupava-se tolhida de frio, como no pino do inverno. Mas então um dia é que foi um desapparecer...

E a snr.^a D. Anna de Jesus proseguia na sua narração, muito condoída da sorte da malaventurada costureira.

Uma vez, ao entrar em casa da Josephina, a minha hospedeira viu a Luiza dirigir-se muito alvoroçada para o leito da mãe.

— Olhe, mãesinha, veja, é o retrato do pai da Laurinha, foi ella que m'ò deu.

A Josephina pegou na photographia, e, logo que a fitou, a mão tremia-lhe, e o rosto macerado fazia-se mais livido, como se tivera soado a sua ultima hora.

A minha hospedeira acudiu sobresaltada e a Luiza descórava mortalmente fitando na mãe olhares apavorados.

Mas a Josephina reagiu com energia contra a emoção que a suffocava; havia n'aquelle corpinho fragil o aço de uma vontade energica. Depois, abrindo um sorriso pungitivo que sulcava umas rugas precoces nas commissuras labiaes, que eram d'antes ninho de risos adoraveis, tranquillisava-as:

— Não é nada, não se assustem, foi uma vertigem, mas já passou, ainda não vou d'esta... — E desviava de si o retrato, devolvendo-o á filha.

E a Luiza serenada entrava logo de remirar a photographia, e, pondo-a novamente diante dos olhos da mãe, exclamava:

— Então não é mesmo bonito o pai da Laurinha?

E de repente, n'uma subita mutação da physionomia, com uma expressão muito séria interrogou:

— E o meu pae? Então eu tambem não hei de ter um pae? A mãi nunca me fallou d'elle... morreu?

Acto continuo a Josephina prorompeu n'um chòro afflictivo e, toda dobrada como um arco, com o rosto entre as mãos, respondeu, como que n'um grito lancinante, com a voz entrecortada pelos arquejos do pranto:

— Não, minha filha, tu não tens pae... morreu, é isso... morreu.

A Luiza abraçava-se á mãe, consternada e contrita da pergunta desastrada:

— Mas eu não a queria affigir, minha rica mãesinha, eu não sabia... eu lhe prometto que não torno...

As duas abraçaram-se convulsamente, e a Josephina murmurou soluçante:

— Melhor o Senhor me levasse quanto antes!

D'esta vez debalde forcejaram por acalmal-a, e tambem em vão ella por seu lado tentava dominar-se.

Levavam-na agora de vencida o soffrimento e o infortunio, que tinham travado uma lucta encarniçada com a resignação e as energias d'aquella alma de boa tempera. A esta crise de lagrimas sobre-

veio um acesso de tosse violenta, succedido de um deliquo que durou horas.

A vizinhança tinha acudido aos gritos allucinados da Luiza: todos cuidavam que d'esta vez a Josephina se tinha finado, ao vê-la assim estirada sobre a cabeceira com a face cadaverica, a bocca tinta de sangue ennegrecido, e entre-aberta n'uma ancia suprema para sorver um golpe d'ar.

Mas a Josephina ainda não tinha despenado. Era já noite quando despertou do angustioso deliquo; á luz soturna do candieiro, amortecida pelo *abat-jour* esverdeado, a sua lividez accentuava-se lugubrememente, e n'esta luz funeraria parecia mais um cadaver galvanizado do que um sêr revocado á vida.

A Luiza acolhera este resurgimento com lagrimas jubilosas; mas a minha hospedeira ia preparando-a para o irremediavel e proximo desenlace.

— Melhor ella tivesse ficado d'aquella; por fim tem de ser, e não estaria ainda agora a penar. O medico diz que está a encher horas, e então antes Deus a alliviasse...

De facto estavam contados os dias da Josephina; desde aquella crise angustiosa a declinatoria para o tumulto foi rapida. Um fastio mortal e uma melancolia tenebrosa apressavam-lhe o aniquilamento.

A Laurinha, sempre compassiva, bem diligenciava adivinhar-lhe os appetites; succediam-se os acepipes e ella só por comprazer debicava na iguaria. Mas logo a rejeitava, e, com os olhos envidrados de lagrimas agradecidas e amargos desalentos na voz, desculpava-se:

— Não posso, não posso mais, desculpe, menina Laura, mas já não passa d'aqui...

E apontava para os gorgomilos, recahindo nas profundezas dos seus longos silencios, e ficava assim immovel, com o olhar fixo e muito luzente no fundo das orbitas, até que despertava d'estas atonias consternadoras n'um fluxo de lagrimas.

N'estes momentos, quando estava só, era muitas vezes surprehendida a lêr um papel, que ella escondia e amarrotava nas mãos, humidas de lagrimas, quando alguem entrava na alcova.

Um dia foi encontrada morta na cama; tinha o mesmo papel fechado na mão crispada. A custo lhe foi arrancado; mas ninguem logrou decifrar a escriptura, tão apagados estavam os caracteres pelo pranto.

A Josephina morreu com o seu segredo.

II

Depois da morte de Josephina a mãe da Laurinha quiz levar a Luiza para um asylo; mas ella oppoz-se obstinadamente. Tirarem-na da casa onde a mãe tinha morrido, era despegarem-lhe aos pedaços o coração que estava identificado com aquellas paredes. O trabalho não a amendrontava; tivesse ella saude, que pela vida luctaria com vontade energica. A Luiza, amortecida a primeira violencia da dôr, affrontou o seu destino com resignação: trabalhava com ardor, mas sempre triste, como Josephina nos ultimos annos da sua vida, e esta tristeza imprimia no seu rosto menineiro uma gravidade que lhe antecipava a idade. Era uma mulher n'um corpinho de creança debil.

A Laurinha ameadava as suas visitas, e redobrava de interesse affectuoso pela amiga. Eram esses os melhores dias que a Luiza vivia: então sentia menos o grande vacuo desconsolador da orphanidade, e o seu rosto magrinho e desolado reanimava-se sorridente n'um bafejo vivificante de saude. A Laura, com a sua expansibilidade communicativa e jovial, alevantava-lhe o moral quebrantado.

Uma vez, quando eu entrava em casa da Luiza para levar tambem o meu óbolo de affecto á pupilla de todos os que eram seus visinhos, dizia-lhe a Laura abrindo a physionomia em um dos seus luminosos sorrisos:

— Agora has de ir passar um domingo commigo. A mamã deu licença e até quer que vás muitas vezes.

— Ora, isso sim! — atalhava a Luiza, córando sobresaltada perante uma perspectiva que, a um tempo, a attrahia e perturbava.

— Has de ir, já se vê... Só se tens coisa melhor, e então já aqui não está quem fallou. Mas, se não tens, has de ir, pudera! Quero que te distráias, que não andes assim triste e scismatica, que sejas feliz, porque tu ainda has de ser feliz...

E o olhar limpido de Laura illuminava-se como quem afagava secretamente algum projecto que a alvoroçava no intimo d'alma.

Mas a Luiza redarguia com desalento:

— Eu feliz! Isso é bom para ti... ainda se fosse viva a minha mãe! tu... tens mãe e... pae tambem. O meu nem o conheci, ella dizia que morreu...

E na sua voz tremula sentia-se um fremito de lagrimas que a custo se represam.

Era este o espinho que mais lhe doía na sua intima sensibilidade. Não tinha pae, nunca o tivera, nunca o conhecera. Este pensamento torturava-a.

Sentia como que a oppressão degradante de um estigma que

a rebaixava a uma categoria muito inferior á condição humana, e com estas cogitações a depressão do seu espirito augmentava, ao mesmo tempo que o germen hereditario da tuberculose lhe minava a vida com surda lentidão.

Durante os primeiros tempos, depois da morte da mãe, a doença não se manifestára com symptomas assustadores; sómente após um trabalho mais aturado sobreveio, exactamente como á Josephina, uma tossesinha secca, e uma constricção thoracica que lhe opprimia a respiração.

Depois, como crescera rapidamente, a sua estatura delgada ainda mais destacava com a magreza do corpo escanifrado e do pescoço esguio.

Mas ultimamente os accessos de tosse ameudavam-se; o peito chato, reintrante, deprimia-se, enquanto que as costas faziam corcova, e n'este exacerbamento da molestia uma vez, em dia de finados, apanhou um resfriado, recolhendo á cama para nunca mais recuperar a saude.

Fôra tambem, em romagem ao cemiterio do Prado do Repouso, orar pela alma da mãe sobre a sua sepultura e enfeitar-lh'a com flôres. Na valla commum onde rastejam hulmides as lousas dos desherdados, distantes dos marmores monumentaes dos opulentos, a sepultura da Josephina não se confundia com as campas rasas dos anonymos e esquecidos. Assignalava-a o epitaphio eloquente das flôres, que vicejavam luxuriantes sobre o corpo da Josephina, d'envolta com as trepadeiras que se entrelaçavam, como que em abraço doloroso, á lapide singela. E n'estas flôres, que se alimentavam do cadaver de sua mãe, ella concentrava todos os extremos do seu amor e saudade filial. A vida e a morte entendiam-se para cultivarem o pequeno canteiro.

O dia estivera frio e humido, fustigado de uma ventania inclemente, que a espaços mosqueava de negrumes o azul arripiado de choviscos. Luiza detençára-se no cemiterio, como que sem poder romper a attracção magnetica que a prendia á sepultura materna, e, sentada no sólo, alheada das coisas ambientes, absorta em pensamentos tristes e recordações saudosas, mal sabia ella que estava absorvendo a morte n'esta communhão espiritual com a mãe.

Hauriu alli o ultimo virus do morbo hereditario que tão cedo havia de mallograr-lhe a existencia.

N'aquella noite mal pôde conciliar o somno, cortado de sobresaltos febris, de pesadêlos e sonhos extravagantes. Levantou-se estonteada e abatida; o trabalho acabou de prostral-a e recolheu á cama com zunidos nos ouvidos, calafrios de febre e uma cephalalgia atormentadora, para lá ficar esperando como sombra espectral da Josephina, a hora derradeira, que já não vinha longe.

Ao passar em frente da porta lá se via, como d'antes, no fundo da alcova, o mesmo perfil macilento da velhita que pouco antes ali se finára no verdor dos annos.

Luiza viveu o resto da vida da generosidade da Laurinha e da caridade da vizinhança. As vizinhas foram as suas enfermeiras e alternavam-se para a velarem de noite.

A principio a Laura ainda apparecia, mas sem aquella rutilação do semblante que esparzia alegria. Entristecia pelo estado desesperado da Luiza e pelo proprio definhamento que lhe dava rebates da sua morte prematura.

Pouco tempo depois ninguem mais a viu; mas vinha sempre a criada, e por ella se sabia que a boa amiguinha da Luiza tambem deperecia a olhos vistos na consumpção de uma tísica galopante.

Luiza penou como a mãe, e, ao expirar, ainda fazia lembrar a Josephina nos ultimos momentos. Sómente resistiu menos; como ella, teve frequentes deliquios após um arquejar violento e afflictivo para respirar, e um dia, depois de um desmaio mais curto, voltou a si dilatando em torno um olhar attonito. Na lividez mortal que a desfigurava dir-se-hia um cadaver que resurgisse espantado do seu regresso á vida. Quiz articular umas palavras e não pôde; levantou então o braço penosamente e fez um aceno para que lhe abrissem a janella. Permaneceu por instantes immovel, com o olhar fixo, esgazeado, e a bocca entre-aberta n'um esforço para respirar e como que para sustar a vida que fugia. Depois contorceu-se frouxamente, com uma expressão de indizível angustia e fez um gesto anciado para que lhe fechassem a janella. Tinha frio. Quando nos acercámos consternados do leito, o corpo relaxava-se inerte, ao mesmo tempo que pela bocca sempre entre-aberta se exhalava um flebil bafejo em que ia d'envolta a pouca vida que lhe restava. A cabeça pendeu desfallecida, e, depois de um leve estrebuxamento nos membros e uma vibraçõesinha nos musculos faciaes, ficou serena como uma creança adormecida. Boa Luiza! Ainda bem que foi para ella a melhor esmola este somno de que se não desperta mais!

— Morreu como um anjo que era, pobre Luiza! — dizia a minha hospederia. — Quando nos via ralados de a vêr penar sem lhe podermos valer, dizia a sorrir que não era nada, que socegassemos, que a maior mortificação era vêr-nos mortificados.

No dia seguinte assisti ao enterro de Luiza no Prado do Repouso: a minha sympathia pela desventurada orphã impelliu-me até á beira da sua obscura cova.

Quando cheguei havia no vasto campo funerario um movimento rumoroso que contrastava sinistramente com tudo o que era ali immobilidade e silencio mortuario. Da capella projectava-se um jorro de luz sobre o negrume de uma turba que formigava cá fora.

Faziam-se n'aquella noite tres encommendações, e informaram-me que a da Luiza seria a ultima.

Assumia a precedencia o enterro do presidente de uma associação popular, sujeito grado no mundo industrial. Era em sua honra que a capella tinha o aspecto de um foco ardente, erigida de tochas accesas, que os assistentes em cardume empunhavam solememente em volta de uma turba de padres tonitroantes.

Seguidamente rezar-se-hia o responso de gloria a um anjinho que esperava vez fóra da capella, posto sobre um banco no seu feretro forrado de velludilho carmezi e tarjado a galão dourado, com o rostosinho emaciado, dôcemente adormecido entre flôres artificiaes.

Mais atraz, onde já não chegava o movimento da multidão, pousava sobre outro banco, como que abandonado e esquecido, o caixão negro e desataviado da Luiza.

Emquanto esperava pelo seu enterro fui vaguear pelo cemiterio. De quando em quando sentia-se nas ruas areadas um rangido irritante de pés que marcham a compasso, e que annunciavam a entrada de mais algum ataúde na cidade dos mortos.

O luar dardejava a prumo, derramando-se n'uma inundação de azulejada e vivissima luz pela atmospheria sem vento, calma como um immenso lago luminoso que dorme tranquillo sem o arripio de uma brisa. Apenas, a espaços, alguma leve aragem perpassava cariciosa pelas agulhas dos cyprestes e pelas comas das arvores mais altas que estremeciam n'um ciciar melancolico. E a alvura virginal do luar n'aquella noite de primavera, fresca e limpida, casava-se em amantissimo consorcio com o branco sudario dos marmores, que destacavam hirtos entre os cyprestes soturnos.

Depois por sobre os renques espessos de murta vi a distancia deslizar uma fila de luzes, que se amarellavam mortiças na brancura rutilante do luar, e ali, entre os marmores e os cyprestes symbolicos, suggeriam a phantastica illusão de um torvelinho macabro de almas penadas que se congregam á hora fatidica da meia noite.

E aquellas luzes, que pareciam vaguear como fogos fatuos, fixavam-se n'um ponto conglobando-se em volta de um monumento apparatuso.

Quando me aproximava, um sujeito grave, de suissas muito rasas e oculos com aro de ouro, depunha uma grossa corôa de perpetuas sobre o feretro pousado no chão, ao qual fazia roda uma

turba compacta, e, em meio de um silencio respeitoso, proferiu com requintes hyperbolicos o elogio funebre do illustre finado, o patriota eminente que foi apostolo ardente das franquias democraticas, e que, qual outro Franklin, soube conquistar os louros immarcessiveis do cidadão virtuoso e a corôa immortal da popularidade.

Terminada a homilia, outros sujeitos depuzeram corôas funebres com inscrições encomiasticas. A turba dispersou-se e eu regressi á capella.

Expiravam as ultimas notas do responso de gloria; estava terminada a encommendação do anjinho, e os padres voltavam á sacristia. Emquanto se retirava de cima da eça o caixão, os convidados iam sahindo á formiga como n'uma sahida de espectaculo, entregando as tochas aos serventes, ou apagando-as com rijos sôpros entre fumaradas de morrão que ennevoavam o ambiente.

N'um momento a capella ficou deserta: da multidão rumorosa que antes esfervilhava ali, restava apenas uma surda restolhada de pés que se ia perdendo a distancia no silencio das campas. Ao movimento e ao borborinho succedia o mutismo e a immobilidade das sepulturas; os gelidos marmores que se tinham galvanizado em ephemera animação no ruido dos vivos readquiriam a sua immobilidade esqueletica.

Faltava aviar a Luiza; por ella não valia a pena levantar aruido. Dois serventes pelitrapos, n'um esforço enfadado, alçaram o mesquinho feretro para cima da tarima, e, no arremesso penoso e forçado, o caixão ficou de esguelha cahindo com um ruido que acordou um echo triste na capella silenciosa. Duas velas apenas no altar attenuavam sovinamente a escuridão em que tinha recahido o recinto, ainda impregnado de um cheiro enjoativo, mixto de cera, de incenso e de morrão das tochas que pouco antes o tinham illuminado com exuberancia. Acto continuo assomou á porta da sacristia um unico padre, ladeado de um acolyto, em cujo braço direito pendia a caldeirinha com o hyssope, emquanto que com o braço esquerdo segurava uma cruz de encontro ao peito.

Então o padre entrou de remoer o seu latim com voz surda e atabalhoada, como quem tem pressa de aviar uma tarefa penosa, e este resmonear precipitado, no silencio sepulcral da capella, de par com a parcimonia do ceremonial, confrangia o coração, ao attentarse no contraste pungitivo, irritante, com a psalmodia pouco antes galhardamente vozeada.

A cerimonia foi rapida, tratada como encommenda de freguez que paga mal.

Feitas as aspersiones do estylo, e rosnadas mais umas rezas a que o acolyto dava replicas urgentes em latim estropeado, vieram os

mesmos serventes, que, com movimentos estabanados, imprimiam ao fardo sacudiduras violentas, ao retiral-o da eça a caminho da co-va.

Eu, n'um canto da capella, tinha assistido a esta scena ecclesiastica com o espirito oppresso, e, n'um automatismo estúpido, segui atordoado o caixão em que a Luiza era levada atabalhoadamente para a valla commum.

A fossa já estava aberta ; o caixão foi baldeado no fundo com um som cavo, e o coveiro atirava para o boqueirão pás de terra com movimentos apressados, dialogando com os carregadores boçalmente durante a tarefa.

Ao mesmo tempo, a pequena distancia, á luz do luar e da chama de um fogareiro enxerguei um grupo de operarios que soldavam um caixão de chumbo, e a um sujeito que superintendia o trabalho ouvi dizer :

— O homem está mesmo fóra de si. Se ella era filha unica!... Queria-lhe como á menina dos olhos.

Lembrei-me do pae da Laurinha. Aproximei-me, interrogando os do grupo, e as respostas confirmaram as minhas suspeitas.

Filha unica!... E comtudo bem perto jazia tambem a Luiza que tanto se amofinára por não ter conhecido o pae!

As duas amigas ficaram visinhas na morada da morte ; devia ser assim já que tanto se aproximaram em vida n'uma attracção magnetica e mysteriosa, amando-se como irmãs sem saberem que o eram.

E o luar immaculado descia das limpidas alturas a beijar o branco marmore dos tumulos. Tinham cessado todos os ruidos ; pesava sobre o vasto compo funereo um silencio de necropole, como se a natureza, n'um mutismo attonito, assistisse a este estranho contubernio da morte com o virginal luar.

Quando eu sahia, o guarda-portão que se preparava para fechar a grade, disse-me com ares faceiros :

— Por um triz que não fica cá dentro.

Na excitabilidade em que me achava, o gracejo do porteiro despertou-me uma estranha sensação oppressiva, e já fóra do cemiterio puz-me a caminhar com largas passadas freneticas, em uma ancia urgente de libertamento.

Custou-me conciliar o somno n'aquella noite, e, depois de adormecido, revolviam-me na cama agitado ; tinha sonhos extravagantes, cortados de sobresaltos e de gemidos, até que, acordando de subito n'uma convulsão, sentei-me na cama banhado em suor frio e anciado, emquanto que, immerso ainda nas caligens do pesadélo, a consciencia da realidade não me libertava de uma oppressão afflittiva, asphyxiante, ao sentir descer lentamente sobre o meu corpo,

com um peso esmagador, uma enorme pedra sepulcral, contra a qual eu me debatia desesperadamente.

Ao romper d'alva saltei da cama impaciente pelo dia, avido de ar, de luz e de sol em toda a gloria hilariante do nosso bello azul meridional.

Um energico anseio impellia-me para a natureza radiosa; que-ria sorver a plenos haustos o ar puro e fortificante de uma alvorada de maio, impregnada de effluvios vitalisadores, regorgitante de seivas, sonora de gorgeios, para me convencer de que a vida não é uma coisa de todo triste.

J. LOURENÇO PINTO.

A LENDA DE D. PEDRO V

A morte do rei D. Pedro foi uma calamidade para Portugal e para a Europa.

Observer, de Londres (apud REVISTA CONTEMPORANEA, vol. II, pag. 431).

Vinte e tres annos decorreram desde que a morte, invadindo os paços da realza, tornou cadaver aquelle a quem o povo na sua ingenuidade denominava *o santo*, e que mais tarde foi cognominado por pretendidos historiadores de *esperançoso* e de *infeliz*. Morreu, sumiu-se no tumulto para sempre; mas deixou atraz de si uma lenda, poetica e luminosa, lenda de lagrimas e de martyrio, que, tocando o coração do povo pela saudade e sympathia, prolongou por dilatados annos a sua influencia, podendo-se affirmar que D. Pedro V reinou mais, depois de fallecido, do que em vida. Durante os primeiros dez annos de reinado do actual monarcha, via-se sobranceira ao throno a figura colossal e phantastica do rei-santo, como que a protegel-o e a guardal-o, mas desde então tem ido, pouco a pouco, apagando-se, dissolvendo-se, de modo que d'ella hoje quasi não resta mais do que uma vaga recordação perdida na alma popular. É, portanto, tempo de a trazer á luz e de a submeter aos processos da critica moderna, muito embora nos accussem de irreverente ou nos apodem de demagogo; é necessario tratar essa lenda, como a sciencia e a historia tem tratado todas as outras, desde a lenda de Jesus até á lenda do milagre de Ourique, estudando os seus elementos, analysando-os, separando a parte realmente historica da parte puramente lendaria, dando-lhe emfim a justa interpretação e sendo possivel investigando os beneficios ou os males a que porventura deu origem. Eis o que vamos tentar n'este rapido esboço critico.

I

Entre as reminiscencias mais longinquas e mais indeleveis da nossa infancia, como impressões que sulcaram profundamente o cerebro no seu periodo de maior acquisição, avulta pela nitidez de traços com que surge á evocação da memoria, o desfilar solemne do funebre cortejo que transportava para S. Vicente de Fóra os restos mortaes de D. Pedro v. O dia sombrio e chuvoso, exercendo uma oppressão angustiosa sobre os pulmões, combinava-se plenamente com o estado do espirito publico. De minutos a minutos, o som do canhão, prolongado e cavernoso, eccoava lugubrememente, como para avivar e alastrar no coração de cada um a dôr geral. O fundo do quadro, representado pela natureza morta, harmonisava-se com os planos secundarios em que estacionava ou se movia a multidão vestida de luto e pezarosa, mal podendo conter por entre as lagrimas e os soluços algumas ameaças, e com o primeiro plano, onde passava lentamente, precedendo e seguindo os pesados coches da casa real, cobertos de pannos pretos, a turba immensa de funcionarios publicos e de cidadãos, de homens de todas as classes e condições, moços e velhos, a tropa com as coronhas para o ar, as bandeiras descidas e envolvidas em crepes, e os tambores destemperados, as charangas e as bandas marciaes tirando dos instrumentos notas tristes que mais se assemelhavam a gemidos do que a harmonias. A physionomia geral do cortejo retratava a sinceridade do desgosto que a nação portugueza acabava de sofrer. Era imponente.

No dia 16 de novembro de 1861 entrou o cadaver do rei no pantheon dos Braganças. Desde esse instante a lenda encontrou na imaginação popular todos os elementos para se constituir. A prematura morte do joven monarcha e a realidade do sentimento e da magua publica, vinham de lhe fornecer os ultimos materiaes, e talvez os mais valiosos, por serem a corôa do martyrio, a aureola de victima innocente sacrificada nas aras das ambições insoffridas.

O espirito publico sobresaltára-se com a noticia da grave doença de D. Pedro v e de seus irmãos, em seguida a um passeio a Villa Viçosa, e inquietou-se fortemente quando soube do fallecimento do infante D. Fernando no dia 6 de novembro. A folha official era procurada com anciedade para se ter noticias do estado do monarcha; havia um vago presentimento do que ia succeder. Ouçamos o que refere a *Revista Contemporanea* na sua *Chronica*: «No dia 9 o boletim do *Diario* dizia que el-rei D. Pedro... havia tido accessos

febris ainda que com menos intensidade do que anteriormente. Porém as noticias extra-officiaes, mais acreditadas e mais verdadeiras, eram aterradoras. Às 11 horas da noite as torres da cidade, dando o signal... do convite á oração, como é uso da Igreja nas grandes solemnidades, annunciavam ao povo da capital que os dias do monarcha estavam em perigo. A população correu aos templos e depois ao palacio. Os dias 10 e 11 foram de verdadeiro sobresalto e inexplicavel anciedade. No dia 11 pelas sete horas e meia da tarde depois de dois dias de lenta e tranquilla agonia morreu D. Pedro v.»¹ A turba agglomerou-se em redor do palacio das Necessidades. Calou-se por instantes a grande magua para dar lugar aos gritos sediciosos. O rei fôra envenenado, clamava a voz do povo. A indignação tomava o passo á dôr.

Como havia o povo de crêr que D. Pedro v morrera naturalmente, como qualquer outro mortal, de typho ou de febre paludosa, contrahido por absorpção miasmatica nos insalubres terrenos alagadiços de Villa Viçosa, se elle era tão moço e tão bom, um santo, um verdadeiro santo? Impossivel! A logica popular sempre que encontra pela frente o problema repulsivo da morte perde-se, desnorteia-se, abandona o caminho seguro do bom senso, que segue de ordinario nas cousas mais praticas da vida, e lança-se de olhos fechados no cahos do desvario e do sonho, nos caminhos abertos desde os primitivos tempos ás religiões e á metaphysica. N'esta direcção a imáginção prefere sempre as explicações mais difficeis e complicadas ás mais simples e evidentes. Como o selvagem, por exemplo, na Australia, attribue a morte da pessoa que estima a qualquer maleficio de um inimigo, e nunca ao effeito natural das leis physiologicas, de que não tem a minima ideia, assim tambem a multidão, quando falleceu D. Pedro, não pôde vêr n'esse triste acontecimento um facto natural e pertendeu descobrir inimigos poderosos, assassinos implacaveis, nas pessoas que rodeavam de perto o monarcha. Não fôra o maleficio do feiticeiro, mas o veneno do ambicioso que pozera fim aos dias do rei santo. Partindo de premisas identicas o selvagem e o povo ignorante chegam aos mesmos resultados. Em ambos os casos a ideia reage sobre a acção por uma fôrma semelhante. Á ideia do crime associa-se espontaneamente a noção da vingança. Assim o selvagem ataca e persegue o supposto inimigo da victima; assim tambem a plebe amotinada, ao saber da morte do monarcha, ruge furibunda contra os que são indigitados como assassinos e na primeira furia arremette com elles, cruel e

¹ Ob. cit., vol. II, p. 431.

sedenta de sangue. « Partiam ás pedradas as vidraças dos *grandes* — narra Oliveira Martins — pediam as vidas dos ministros, tombavam da sua carruagem e deixavam por morto na estrada o typo dos amoucos do palacio. Todos eram réos. » ¹

A accusação recahia principalmente sobre alguns aristocratas aparentados com a familia real; outros, porém, espalhavam que eram estrangeiros os auctores e que tinham em vista a união ibérica ². O certo era que os factos davam visos de probabilidade ao que affirmava o povo. Depois do infante D. Fernando e de D. Pedro v, morria o infante D. João; D. Augusto, atacado pela mesma doença, difficilmente conseguia salvar a vida, devendo-a á dedicação de um medico — dizia-se — estranho ás intrigas palacianas. Essa victoria, que levantou o medico, foi para o povo mais uma comprovação do tenebroso plano. Dos filhos de D. Maria II só escapára ao contagio o infante D. Luiz que estava no estrangeiro. Mas lá mesmo — continuava a voz popular — o foram procurar os poderosos inimigos da dynastia; a coincidência de fallecer o esposo da rainha Victoria pouco depois de um banquete, a que assistira o infante, foi o sufficiente para que a imaginação popular visse n'esse acontecimento uma milagrosa troca de logares e de victimas. Não foi este o unico caso de salvação; fertil sempre nos seus romances o povo imaginou novos e successivos casos, variantes do primeiro, da protecção providencial. A lenda do cavallo fegoso e do charuto envenenado pertencem a este cyclo. D'esta fórma a alma popular rodeava da funebre poesia da perseguição e do martyrio a sympathica figura de D. Pedro e completava a sua grande lenda com uma infinidade de lendas secundarias. Esses vestigios da poesia popu-

¹ *Portugal Contemporaneo*, t. II (ed. 1881), pag. 399.

² O conde de Valencia de Don Juan, ministro de Hespanha em Lisboa, participava ao seu governo que corria o boato da familia real ter sido envenenada no almoço dado pela empreza dos caminhos de ferro, em Santarem, no regresso de Villa-Viçosa. « Á medida que a situação do rei adquire maior gravidade, augmentam os receios de que o povo commetta alguma tropelia em casa do snr. Salamanca e é muito de temer que a realise, tão depressa que por desgraça deixe de existir D. Pedro v. » O ministro accrescenta que tambem accusam a legação de Hespanha e que recebera uma carta anonyma ameaçando-o de irem tomar vingança d'esta traição! (*Mi mission en Portugal*, pag. 213). Um velho empregado do paço, ainda ha poucos annos, nos contava com os olhos rasos de lagrimas as scenas que acompanharam o passamento do monarcha e de seus irmãos, e revelava-se inclinado a acreditar no envenenamento da familia real por grandes personalidades da politica. Tambem por mais de uma vez a voz do povo encontrou ecco no parlamento, mas sempre foram abafados todos os projectos de inquerito e de autopsia.

lar contrastam com as tolas banalidades do poeta Castilho, as en-deixas rimadas *No transito do senhor rei D. Pedro V* e outras offerecidas a D. Fernando e a D. Luiz. A bajulação e o servilismo nunca souberam tirar da lyra notas sentidas.

A vida de D. Pedro v, apesar de muito breve, fôra cortada de episodios dramaticos, de scenas tristes, de desgostos tanto particulares como publicos, que ligaram intimamente o coração do soberano e o da nação. Esta approximação espontanea e permanente do povo, deu pouco a pouco ao typo severo e bom do monarcha proporções extraordinarias. A imaginação popular santificou-o, idealizou-o, fez d'elle um idolo. O cholera morbus e a febre amarella vieram um após outro açoutar o paiz e fizeram em Lisboa enormes estragos em 1856 e 1857. A coragem e a dedicação de que deu provas o joven monarcha no meio do desalento e do pavor geral valeram-lhe a palma de santidade e deram origem á lenda, que desde então até ao seu fallecimento foi sempre crescendo e enriquecendo-se. D. Pedro v, n'essa conjunctura tremenda, — dizia a voz do povo — ensinou aos medicos o cumprimento do dever. Fugiam, abandonavam os doentes, tomavam o pulso aos enfermos de luva calçada? Elle reprehendia-os, obrigava-os a ficar no seu posto junto aos leitos, e ordenava-lhes que descalçassem as luvas. O patriarcha, o chefe da Egreja, procurava salvar-se, deixando as suas ovelhas entregues aos rigores do flagello? Elle fazia-o retroceder, voltar ao meio do rebanho, embora ahi tivesse de morrer de susto. Soube distinguir-se pelo exemplo, enraizando no coração da turba os ramos frondosos que haviam de servir para a sua apothose. O desgraçado caso da barca negreira *Charles et George* veio dar ao quadro côres mais negras.

As visitas do monarcha ás fabricas e ás officinas, aos asylos e ás escolas, a simplicidade do seu trato e a austeridade da sua conducta, o amor de familia, a sede de justiça e o interesse pelos negocios publicos, tudo concorreu para alargar o circulo de gloria. Os pobres, os humildes soffriam nos seus direitos, eram sacrificados á prepotencia e á ambição dos poderosos? Como fazer chegar as suas queixas ao rei, se os ministros que eram os intermediarios legaes, se mancommunavam com os oppressores? D. Pedro, querendo vencer esses attritos que distanciavam a realeza do povo, fez collocar á porta do palacio uma caixa para que as reclamações e os protestos lhe chegassem directamente ás mãos. E em dias determinados prestava-se do melhor grado a escutar quem se quizesse approximar, a ouvir lamentos e a dar conselhos ou esmolos. Os curtos dias de felicidade que gosou em companhia de sua esposa D. Estephania, — outra figura idealizada pela imaginação popular — deram á lenda a sua parte poetica e sentimental do amor. Esse casamento

não fôra regulado pelas conveniencias politicas e pelas razões de Estado que sempre presidem ás uniões da realeza — era ainda voz publica — mas sómente pela inclinação pessoal do joven rei que ficára apaixonado pela princeza desde que pela primeira vez a vira nas excursões d'elle pela Europa. Fôra um casamento romantico. E esta feição romanesca tinha o applauso unanime do povo. Depois, não era um par tão egual? não pareciam mesmo destinados um para o outro? não era ella um anjo de amor e de carinho, como elle era um santo, um perfeito santo? E a alma popular via n'elles um reflexo da divindade, dois enviados celestes, quando unidos e sós passavam, deixando após si como que um rasto luminoso. Os passeios romanticos, ao cahir da tarde, para a serra do Monsanto; as conversações simples e affaveis com os moleiros, que ignoravam quem eram; o espanto d'aquelles quando mais tarde vinham a reconhecer nos incognitos jovéns o rei e a rainha, tudo contribuiu para que a lenda tomasse um character altamente attrahente n'um periodo em que os romances sentimentalistas tinham imprimido uma direcção particular á mentalidade portugueza. O fallecimento inesperado de D. Estephania accrescentou á lenda a nota melancolica da saudade, assim como, dois annos depois, o de D. Pedro v lhe juntou a nota funebre do martyrio.

Descriptos n'estas breves palavras os elementos essenciaes da lenda, passemos a considerar sob o ponto de vista historico o homem e o rei.

II

Quinet, quando em 1843 visitou Portugal, ficou fortemente impressionado com o socego sepulchral em que encontrou mergulhado o paiz, e pareceu-lhe Lisboa «a capital da rainha Ignez de Castro, que desenterrada e assentada n'um throno posthumo, governa, entre a bancarrota e o jesuitismo, uma monarchia defuncta.»¹ No fundo este quadro era real. As luctas dos dois partidos que se disputavam o poder sob o pretexto das duas cartas, a outorgada pela realeza e a de origem popular, só agitavam á superficie a estagnação palustre em que cahira a nação em consequencia da acção deprimente durante tres seculos do predominio religioso sobre as consciencias. E tão completo fôra esse aniquilamento moral e intellectual, que

¹ *Mes vacances en Espagne*, p. 239 (1857).

uma sociedade beata até á medulla nem forças achou em si para protestar virilmente contra a suppressão das ordens religiosas, que tão queridas lhe eram. D. Pedro iv jurára constitutionalisal-a á força, e ella, docil e indifferente, acceitou a liberdade com a mesma resignação evangelica com que soffrera o absolutismo. Quando D. Pedro v nasceu, o povo não acordára ainda do seu estado hypnotico; se com frequencia corria o sangue nas luctas civis, não eram essas effeito de legitimas revoluções do povo, mas instigadas por ambições de generaes e por intrigas de cortezãos ou desviadas da sua nascente natural e ephemera por homens sem plano e sem ideias.

Ao subir ao throno, aos dezoito annos (1855), D. Pedro não se illudia já ácerca do verdadeiro estado do paiz. Confiado á direcção do visconde da Carreira, homem de cultura litteraria, segundo affirma Teixeira de Vasconcellos, ¹ e tendo por mestres cavalheiros não menos illustrados e afastados dos conflictos partidarios, o joven monarcha entregou-se ao estudo e desenvolveu as suas faculdades intellectuaes pela observação e meditação. Vejamos o que diz o referido escriptor: «D. Pedro era já em vida de sua mãe um mancebo grave, laborioso e instruido, e segundo diziam, muito preso desde a infancia ao cumprimento dos seus deveres. As pessoas a quem fôra confiada a educação do principe constatavam com alegria o desenvolvimento da sua intelligencia, as felizes disposições do seu character, a sua dedicação pelos assumptos serios e o particular affecto que consagrava á historia natural. As suas primeiras palavras subindo ao throno revelaram profundos estudos da philosophia e das sciencias sociaes.» ² Se d'estas palavras descontarmos a parte de lisonja, que porventura possam conter, ainda fica muito para dar a D. Pedro v os fóros de homem superior ao seu meio, fóros que com justiça revindicam os seus actos e palavras.

D. Pedro v era *romantico*, affirmam-o illustres escriptores. Era-o com effeito, mas não se conclua d'aquí que o era na accepção em que de ordinario se emprega este adjectivo. O espirito d'elle elevára-se do sentimentalismo indefinido dos *romanticos* á meditação dos problemas sociaes e philosophicos, embora não fosse além do vago eclecticismo das escólas contemporaneas ainda triumphantes. Não desdenhava, comtudo, as sciencias naturaes; pelo contrario, tentava abranger n'um amplexo intellectual todas as ordens de conhecimentos humanos, apesar de não attingir o laço philosophico que as reunia n'uma grande synthese. Os discursos pronunciados

¹ *Les Contemporains*, vol. I, p. 636.

² *Ob. cit.*, p. 641.

por D. Pedro nas sessões solennes da abertura da Escóla polytechnica bem o demonstram. Por isso lhe chamaremos de preferencia *metaphysico*.

O espirito do joven monarcha saturára-se das ideias philosophicas correntes no seu tempo e adquirira uma orientação especial a que procurava conformar os seus actos tanto da vida particular, como da vida publica, apoiando-se no fundo moral da propria educação. A unidade que soube imprimir ao conjuncto da existencia, embora curta, revela-nos a força do seu character e a sua superioridade relativa. Sob o ponto de vista da moral pessoal e da moral domestica, D. Pedro v deu exemplos salutaes de dedicação, de moralidade e de amor. Sob o ponto de vista da moral social, se a critica lhe póde notar a inefficacia da sua intervenção no governo dos negocios publicos, ha no emtanto de confessar que foi sempre coherente com os principios que lhe serviam de norma.

D. Pedro v, como dissemos, era *metaphysico*, e como tal tinha os defeitos propios de todos que se embrenham nas regiões espiritalistas do absoluto — era visionario e supersticioso. Não era um catholico, um ultramontano, como alguns pretendem, comquanto podesse com facilidade tomar esse caminho ou mesmo tendesse nos ultimos annos para elle em virtude da influencia exercida no seu espirito pela rainha D. Estephania. Como metaphysico espiritalista cria n'um ente superior, n'um Deus creador, mas distincto do Deus do catholicismo, e por isso preferia empregar o céo em vez de Deus nas suas conversações e discursos. A religião, considerava-a talvez uma necessidade, mas acima d'ella collocava a moral espontanea e natural, « as virtudes que nascem em todo o coração puro » como D. Pedro dizia aos academicos da Universidade de Coimbra, em 1860: « Disse-se-vos que era naufragio certo a sciencia sem a moral e sem a religião, e ninguem o contestará. *Maior mal* comtudo, e d'esse seria mais verdadeiro o dizer que nos consome, *é a ignorancia sem as qualidades que a fazem perdoar.* »

Que a philosophia era o assumpto predilecto do monarcha, sabemol-o por um despacho de Pastor Diaz, ministro de Hespanha em Portugal, o qual relata ao seu governo uma entrevista que tivera com D. Pedro para lhe apresentar o celebre banqueiro Salamanca. Pastor Diaz, homem de vistas curtas, que se indignava com a liberdade que a imprensa gozava entre nós e com a indifferença publica pela religião — indifferença que elle exagerava — descreve d'este modo a conferencia: « S. M. o rei recebeu-nos com muita cordialidade... Eu tivera o cuidado de separar o meu papel do papel de Salamanca, deixando a este a parte dos negocios e do caminho de ferro, em que S. M. logo entrou, e reservando para mim a da politica e da *philosophia transcendente*, que não é possivel evi-

tar quando se tem a honra de conversar com este soberano. Dar a V. E. uma ideia d'esta scena e d'esta conversação seria empreza superior ás minhas forças... Para descrevel-a bem seria necessario a penna de Cervantes. Eu ia preparado. V. E. conhece já por despachos anteriores o juizo que formei d'este monarcha, porém Salamanca não estava n'este caso, e eu tive que contemplar com toda a gravidade a estupefacção, que, sem poder remedial-o, produziam no semblante, tão movel e expressivo do nosso *socarron compatriota*, a attitudo, as maneiras e as palavras do rei fidelissimo..... Voltava-se (el-rei) então para mim e engolfava-se em considerações philosophicas. Salamanca ficára aturdido de o ouvir *fazer*, em assumptos economicos, *a apologia da rotina e de fazer-se ecco de todas as vulgaridades mais plebéas (populacheras)*. Com effeito S. M. dissera com o maior aprumo que *os caminhos de ferro paralysavam as primeiras industrias, que se dava demasiada importancia á civilisação que podiam augmentar e que Portugal, e mesmo a Hespanha, não tinham industria, nem commercio, nem riqueza, nem necessidades para sustentar caminhos de ferro*. Era curioso vêr a um rei do seculo XIX, que talvez se julgue o mais illustrado dos monarchas europeus, fazer-se o defensor dos carros de matto; o protector dos arrieiros e o apologista do isolamento e das suas consequencias.» Desprezando a hyperbole, tão evidente no trecho transcripto e ainda mais nos que se lhe seguem, concluimos que D. Pedro, sem condemnar em absoluto os caminhos de ferro, notava alguns dos seus inconvenientes economicos immediatos, adoptando opiniões bastante erroneas de economistas conhecidos e fazendo a sua applicação á Peninsula, no que não era inteiramente despido de fundamento.

(Continúa).

TEIXEIRA BASTOS.

A NOVA POLITICA COLONIAL

(A proposito de dois livros notaveis)

Verum, verum, verum...

O caso original, que ha bem pouco se deu entre nós, de se vêr perdida para a nação, por abandono ou indifferença do governo, a energica actividade do apaixonado africanista Narciso Feyo; e as noticias, já para a maior parte indifferentes, de partirem continuamente para a America emigrados portuguezes, que preferem o paiz da febre amarella aos salubres sertões de Mossamedes, obrigam-nos a algumas considerações, mais do que nunca opportunas, desde o momento em que parece ser certa a occupação do Zaire por forças portuguezas.

Entre nós reina, como todos sabem, a anarchia politica a mais desenfreada — explora-se o trabalho, despe-se o contribuinte, annullam-se as actividades, compram-se talentos com sinecuras, arrui-na-se tudo quanto é iniciativa individual, perverte-se tudo quanto merece o nome de nobre tentativa; só vivem em tranquilla digestão o fisco absorvente, o governo rhetorico e o exercito apathico.

N'este *deixar andar* em que vamos indo, a absorpção do individuo pelo estado é completa — não ha progresso porque não ha trabalho, e não se trabalha porque não ha liberdade. O conflicto de que falla o energico e pratico Ménier, está entre nós no seu auge — a um lado a maioria quer produzir, cultivar, commerciar, tendo por ideal o augmento da sua fortuna, do seu bem-estar e da sua familia; a outro lado a minoria tem por ideal o levantamento da maior somma possivel de tributos sobre o trabalho dos outros, por meio de logares, funcções, sinecuras, etc., exercendo maior influen-

cia no estado os militares, que só consomem e são feitos para destruir ¹.

É preciso pois optar; ou, enquanto se não chega a um periodo de mais seguro progresso, conciliar, dirigir, não perder as forças vivas, não esterilisar por falta de tutela a iniciativa individual.

O nosso estado financeiro periclitante, o augmento constante da despeza e o desolador estacionamento da receita, provam bem que os meios politicos empregados e os processos economicos suggeridos, nem são proveitosos porque não beneficiam o erario, nem convenientes porque determinam conflictos. É pois forçoso que inauguremos uma nova politica, e que empreguemos novos esforços.

O estudo da geographia do nosso pequeno paiz e o exame dos inesgotaveis recursos das nossas colonias, trazem-nos campo largo para as energias que despertam ao sopro da nobre ambição de levantar e engrandecer a sua patria; e claramente attestam que as fontes do nosso equilibrio economico, e porventura da nossa riqueza, estão em nossa propria casa, ao alcance de todos.

D'este assumpto tem cuidado ultimamente a Sociedade de Geographia Commercial do Porto, com uma tenacidade e methodo, que a tornam crédora de todos os encomios. Agora mesmo promove o estudo dos melhores meios a empregar para a colonisação do Alemtejo.

Como porém n'esta ordem de estudos todas as contribuições são poucas, e como pertence a cada um o dever de concorrer, na sua esphera de acção, para o bem-estar geral, vamos chamar a curiosidade de todos os estudiosos para dois livros notaveis, recentemente publicados, ricos de luz para todos os espiritos, e fecundos em ensino para todos aquelles, os praticos e desilludidos ou não, que ainda consideram a patria como sacrosanta e o trabalho independente e digno como dever e honra.

Olhando em redor e escutando quanto se passa na Europa, na Asia, na Oceania, na Africa, sobretudo na Africa, vemos uma pressa quasi furiosa, de occupação, de dominio, de extensão de mercados, de alargamento de relações, que é symptomatica da mais poderosa crise economica e politica — sob o ponto de vista do novo direito internacional — que tem assoberbado até agora o mundo, *soi-disant* civilizado, e, o que peor é, civilizador. Viola-se o direito na-

¹ *Avenir économique*, 1 vol., p. 579. Paris, 1875.

tural para se alcançar terrenos, matam-se indigenas para se ganhar direitos, quando já os não matou o *mal da Europa*. Antes da posse a paz; depois da paz a imposição do dominio, em seguida o estabelecimento de casas commerciaes, logo o consulado, por fim o direito adquirido... Este é o processo allemão, fundado no antigo exemplo inglez, o qual se defendeu com a pratica dos hollandezes, que aprenderam com os portuguezes, etc. etc. Brutal, violento, mas evolutivo. Ganha-se caminho, adquirem-se progressos, e, o que mais é, faz-se ganhar progressos e caminho ás raças decadentes, estacionarias, ou ainda no limiar da civilisação.

N'esta lucta vence de certo o mais forte, e tem sobretudo o predomínio o mais bem preparado, o mais previdente. E como é sempre mais previdente o que possui mais larga acção intellectual, o que mais sabe e mais calcula, o predomínio caberá ao que possuir mais sciencia, ao que mais seguramente realisar a sujeição das coisas para elevação das pessoas.

Se no conflicto da vida esta regra, já por si banal, se realisa fatalmente, na concorrência colonial mais accentuadamente se manifesta, porque os elementos em presença são variadissimos, os accidentes muitos e os perigos numerosos. Cumpre pois, antes de proceder, discernir, e antes de discernir, estudar.

Até aqui — isto é applicado ao nosso paiz como aos estranhos — a politica era, na phrase de Bordier, a arte de navegar empiricamente, sem bussola, dia a dia, no meio dos acontecimentos como sobre um oceano, cujas vagas caprichosas mutuamente se cavalgam em virtude de leis que se ignoram e que ninguem até deseja conhecer. Os *políticos* eram ricos em expedientes, fazendo prodigios de golpe de vista, de segurança e de destreza, para conservarem o equilibrio no meio dos phenomenos sociaes que se chocam, succedem e complicam. As colonias eram consideradas como materia a explorar e opprimir com impostos, sendo os colonos e os indigenas um rebanho a que se tira a lã, o leite, o trabalho e por fim a carne... ¹

Veio porém o tempo, e, com a dolorosa pratica dos desastres, a desillusão, fundada na grande somma de prejuizos e em igual dôse de vexames para o amor-proprio nacional. Procurou-se luz, guia — e como sempre a sciencia, a castissima vestal, respondeu e satisfez, alumiou e dirigiu. A sociologia provou que os phenomenos sociaes são logicos, naturaes, obedecem a leis fixas e invariaveis; podem-se modificar, como os phenomenos chimicos e biolo-

¹ Dr. A. Bordier — *Colonisation scientifique*. Paris. Reinwald, 1884.

gicos, mas têm um fundo inalteravel e commum; são d'uma variedade infinita como os phenomenos meteorologicos, mas igualmente como elles se podem observar, aproveitar e prevêr. Transformou-se, ou mais exactamente, vai-se transformando a politica de empirica e banal em verdadeira e scientifica. As colonias já não são avaliadas pela somma de riquezas que podem trazer, como os carneiros que se apreciam pela quantidade da lã; pelo contrario representam para as nações colonisadoras um compromisso e um dever — o da tutela a principio e o da independencia e associação depois, do mesmo modo que para um pae se afigura a educação dos filhos.

O exemplo das grandes vantagens que á Inglaterra e a Portugal tem trazido a independencia ou *self government* dos Estados-Unidos da America, Australia e Brazil, vantagens que nos não adviriam se aquellas colonias fossem ainda roubadas, ou em phrase governativa, exploradas pelas respectivas metropoles; esse exemplo e outros mais de sobejo mostram de quanto peso é a evolução que actualmente se está dando em tudo quanto é colonisação e politica colonial. Tratemos pois de as engrandecer para as emancipar.

Para se chegar a este resultado, temos a considerar dois casos diferentes — o paiz a governar contém uma raça muito proxima em civilisação do estado da metropole, ou muito distante. Quanto a nós, portuguezes, dá-se o segundo caso. Examinal-o-hemos de preferencia, para encurtar este artigo, porque o tempo e o espaço são poucos.

Convém pois elevar, educar a raça infante. Como porém a condição ordinaria das populações as mais atrasadas é, no dizer do eminente Stuart Mill ¹, estarem sob o despotismo directo dos povos avançados, ou sob o seu absoluto ascendente politico; o que urge é organizar este dominio de modo a favorecer o advento d'esses povos a um mais alto estado evolutivo, para precipitar o momento da criação do *self government*, que as ha de emancipar e trazer á *livre associação com a metropole*, mais beneficiadora do que todas as tutelas, mais digna do que todas as protecções, e mais proficua do que todos os despotismos e todas as pautas. Para isso é necessario aproveitar as aptidões da raça indigena, attrahil-a pelo progresso industrial que lhe realisa os appetites dominantes — os materiaes; depois encaminhal-a pelo ensino fabril e agricola para o respeito e aproveitamento da natureza; por fim, quando preparados por alguns habitos de previdencia, *sempre escassos em raças inferiores*, dirigil-os para os trabalhos intellectuaes, para a edu-

¹ *Gouvernement representatif*, p. 430. Paris, 1877.

cação scientifica. A introdução d'este grande elemento, o indigena educado na vida politica, na carreira administrativa, é de um grande alcance : aproveitam-no a Russia, a Inglaterra, a Hollanda. Nós desconhecemos-o completamente.

É tambem preciso estabelecer uma corrente sympathica para os paizes a colonisar, favorecer senão determinar a emigração, crear relações, forçar estímulos, jungir interesses. O emigrante, que se ha de transformar em colono, é o mestre, o preceptor paciente do indigena, que será o pupillo, o aprendiz e o trabalhador.

A emigração porém não se dirigirá como corrente contínua, para paiz nenhum, sem que préviamente o governo lhe não garanta os terrenos, os juros da exploração, que reverte em proveito do estado. Este é o ponto de vista economico que deixamos á administração das grandes companhias.

Tomemos o ponto de vista biologico. Póde o governo fazer todas as concessões e o emigrante não partir, porque o paiz a explorar é insalubre, ou salubre e pobre, ou rico e inacessivel. « É necessario pois, como o disse Desdevises du Dezert ¹ n'uma conferencia, que o paiz seja accessivel e salubre, tão favoravel á defeza como á criação de vias rapidas e seguras, á navegação e á industria ; ou então, se o trabalho europeu fôr difficil, que possua uma raça capaz de se substituir á europêa, trabalhando sob sua direção e perpetuando-se. Estas condições, ajuntou o prelector, *absolutamente necessarias para determinar uma corrente*, são dadas pela geographia, a geographia essencialmente contemporanea, a sciencia do momento, que faz o resumo das viagens, relações, explorações e missões scientificas. »

Assim se aproveitarão as aptidões dos dois povos, o invasor e o invadido, sem violencias de tradições, sem risco para o capital, e sem prejuizo para a população numerica, por mais baixa que seja, da nação immigrante.

Ha pelo contrario vantagens para o capital e para a população. Nos Estados-Unidos da America avalia-se em 720\$000 reis por cabeça o valor d'um immigrante ; como a Allemanha manda annualmente 100:000 emigrantes para o novo continente, aquella nação recebe por consequencia *cada anno* 72:000 contos de reis. Pelo numero de emigrantes europeus, se vê assim que, ha 50 annos, só da Europa tem a grande republica recebido a enorme somma de 5.580:000 contos de reis ! D'onde resulta que para um paiz de emi-

¹ *Le mouvement colonial*, conferencia em 15 de março de 1884.

grantes o grande negocio é mandal-os para as suas proprias colonias.

Ha vantagens para a população, porque no paiz colonisado, como o prova a demographia, o numero de nascimentos e por consequencia o augmento numerico é muito maior do que no paiz de origem. Os hespanhoes que annualmente e por cada milhar têm 37 nascimentos no continente, em Cuba têm 41 e na Argelia 46. Os francezes que apresentam só 26 na Europa, têm 41 na Argelia. Foi por isto que o Canadá, possuindo em 1678 10:000 francezes, mostrava em 1671 880:000; a Nova-Escossia, que em 1671 tinha apenas 394 habitantes, em 1749 contava já 12:000, etc.

A metropole tambem lucra porque a emigração favorece a natalidade, engrossando a densidade da população. Na Inglaterra a emigração diminuiu desde 1841 a 1851, o accrescimento de população baixou a 3,2 por cento; nos dez annos seguintes a emigração cresceu, a taxa do accrescimento subiu logo a 5,5 por cento. Na Irlanda a provincia que dá mais emigrados é Ulster; é tambem a de mais forte natalidade.

Com augmento de população e accrescimento de riqueza, o paiz colonizador engrandece-se e fortifica-se, porque o numero é tambem força. Ha pois tudo a ganhar, nada a perder. D'aqui o *protectorado* da França em Tunis, as colonias da Italia no mar Vermelho, da Allemanha em Angra Pequena e Santa Lucia, a conferencia de Berlim, os conflictos com a originalissima e *civilisadora* Associação dos belgas, as guerras do Tonkim, as escaramuças do Sudão, os progressos do Chile, etc.

Quem vencerá? De certo o mais previdente. Em iguaes condições de previdencia, dominará o mais bem disposto, o que tiver mais aptidões colonisadoras, mais immunidades. Entre esses somos nós, para as regiões equatoriaes, os primeiros, os mais privilegiados, como já aqui o demonstrámos ¹. Em compensação temos desaproveitado estas vantagens naturaes, substituindo-as pela mais boçal imprevidencia. Temos estragado tudo.

O capital não nos falta, prova-o a criação de novas companhias de vapores, o lançamento de cabos submarinos, a fundação da companhia do Zaire, o projecto dos caminhos de ferro africanos e o grande desenvolvimento do banco ultramarino. Gente, emigrantes tão pouco nos escasseia: vem ás centenas das ilhas para a America e do norte para o novo continente.

O que não ha, dóe dizel-o, é interesse por estas coisas, é estu-

¹ N.º 9 d'esta Revista, 1.º anno, 1883, p. 400, *passim*.

do, é sciencia. Continúa a politica dos expedientes e entregam-se as colonias ao fisco absorvente, ao militarismo faccioso de governadores ignorantes, e á systematica exploração da metropole e d'um functionalismo na maior parte indifferente aos destinos do paiz onde serve.

É porém patriotico não mentir á nação, não a deixar illudida, nem sobre o seu destino, nem sobre os seus meios de acção. A sciencia dá-nos a direcção: sigamol-a. Temos o privilegio das nossas immunidades com que largamente nos brindou a natureza; a posição excepcional que desfrutamos á beira-mar do extremo occidente da Europa, a responsabilidade das nossas gloriosas tradições e os deveres de povo colonizador, por excellencia, obrigam-nos a encarar de frente o problema colonial.

O meio é simples: favorecer e determinar, como já se começou fazendo inscientemente com os benemeritos Capello e Ivens, o estudo climaterico, geologico, geographico e ethnologico das melhores colonias; e depois dirigir para ellas a emigração nacional e estrangeira, protegendo a vida do emigrante com a hygiene publica sem a qual de nada serve a individual; e garantindo-lhe a propriedade e a riqueza, com tutela por occasião do estabelecimento, e com a maxima liberdade, quando o desenvolvimento fôr seguro. Assim se conseguirá a fixação do emigrante na região invadida, transformando em colono, engrandecendo-se e amando a terra que lhe deu bem-estar e riqueza, alargando a esphera de acção da mãe-patria, e garantindo-lhe a prosperidade, o credito e a força. Sem este auxilio, sem esta direcção, apenas teremos em Africa pequenos commerciantes que alli vão vender fazendas á consignação, promptos a partir quando possuem alguns contos de reis... emquanto que os estrangeiros mais previdentes se estabelecem com grandes casas commerciaes, mandando emissarios ao sertão e chamando a si o marfim, a urzella, o carvão, etc., tendo consules que vão em épocas regulares estudar os caracteres e aptidões das raças e as condições locaes, como Elton, O'Neill e outros.

Feita a colonisação scientifica, o progresso da colonia é seguro, é fatal.

Estes são os dados fundamentaes do problema. Os incidentes e as linhas secundarias, vem magistralmente apontadas no soberbo livro de Bordier — *Colonisation scientifique et colonies francaises*¹, que recommendamos a todos os estudiosos. Os perigos da colonisação insciente, e as vantagens do estudo prévio, vem patenteadas

¹ Publicado em outubro de 1884.

em traços firmes e vigorosos na severa obra do mesmo auctor *Géographie médicale* ¹, que anda por certo nas mãos de todos os nossos medicos da marinha e ultramar.

Resta apresentar o ponto de vista economico que tem sido discutido por Stuart Mill, Molinari, Leroy Beaulieu, Laveleye, Ménier, Guyot e outros. Em breve o examinaremos. Por agora é urgente insistir no que é de mais imperiosa necessidade, e no que tem sido o nosso maior erro. Oxalá que os dois livros notaveis que lembramos, façam o que não pôde fazer uma energica propaganda de sete annos, pela palavra, pelo exemplo e pela imprensa, tanto em Moçambique como em Lisboa, e em Loanda como em Cabo Verde, em Bordeus como na Guiné. Não esqueçamos sobretudo que o ultimo a chegar será o primeiro a desaparecer...

15 de fevereiro de 1885.

CARLOS DE MELLO.

¹ É o x volume da Bibliotheca de Sciencias Contemporaneas. Paris, 1884.

BIBLIOGRAPHIA

RACHILDE — FRANCIS TALMAN — **Monsieur Vénus** (romance materialista)
1 volume de 240 pag. Bruxellas, Augusto Brancart — editor — 1885.

Albert Savine — **Le Commandeur Mendoza** (costumes andaluzes) por D. JUAN VALERA — Nova edição — 1 volume de 362 pag. — Paris, Nova Livraria Parisiense — E. Giraud et C.^a — editores — 1885.

Uma outra feição dada ao romance e cujo ideal nos não cumpre discutir agora, parece ser o novo enlevo d'alguns artistas estrangeiros. Trata-se do romance que pinta ao vivo os mais extraordinarios caprichos d'uma sociedade elegante já farta das sensações vulgares e cujo meio, existindo, nós completamente o desconhecemos; trata-se do prazer dos sentidos, da idealisação da materia e dos phenomenos inacreditaveis que d'esse ideal se derivam; trata-se, emfim, de explicar a antiguidade pagã exhibindo a pintura da corrupção moderna.

Effectivamente o hymno das saturnaes repete-se n'um meio que nos é vedado, mas que outros mui bem conhecem. É por isso que Rachilde diz no seu romance *Monsieur Vénus*, sem duvida uma cópia do vivo:

« O estigma da infamia quebrou-se. Cada dia impelle para a grande orgia um novo conviva. Ephebos e virgens allucinadas se multiplicam. A embriaguez sobe. Presentemente como outr'ora, o homem tem aniquilado a sua força, quebrado o seu sceptro. Effeminado como o Ephebo antigo deita-se aos pés da voluptuosidade. A voluptuosidade é a mulher. »

O romance que devemos á amabilidade do editor belga Augusto Brancart, não é mais do que um quadro d'esse renascimento da antiguidade pagã, cuja prostituição nos assombra. N'esse quadro, porém, uma these se demonstra iniciada por Catulle Mendès do seguinte modo: « Ser quasi uma mulher, bom meio de a vencer. »

Em dois traços expomos a acção. Raula de Veneranda é uma rapariga da aristocracia a quem os physiologistas mais distinctos agouravam, sendo ella ainda creança, uma vida toda de prazeres sensuaes. Ella era d'um triqueiro quente, alta, elegante, d'olhos negros e scintillantes, de labios grossos, de coragem e energia masculas. Muito orgulhosa e muito senhora de si, educada religiosamente e illudindo com a mascara da ingenuidade e doçura uma tia com arroubamentos mysticos, Raula era muito cortejada pelo seu bello typo sensual de amazona, pelo seu nascimento e riqueza colossal. Um militar, o barão de Raittolbe, apaixonando-se por ella, pediu a sua demissão para mais livremente poder amal-a e recebel-a por esposa. Mas Raula descobrira um pobre artista d'uma belleza physica excepcional, Jacques Silvert, a quem dispensa protecção, tornando-o por isso seu escravo. — A carne fresca e sadia — diz ella — é a maior potencia do mundo. —

Jacques, pelo seu magnifico bem-estar devido á sua bemfeitora que o tirára da miseria, obedece aos mais extraordinarios caprichos d'esta mulher como prova d'um reconhecimento humilde. Ella tem os ardores do selvagem, agrada-lhe a acção do homem, veste-se muitas vezes como elle e detestava já os prazeres vulgares da animalidade. O homem possui, a mulher sujeita-se, ou, para melhor dizer, aquelle goza, é senhor de si; esta soffre-lhe o jugo, padece, humilha-se, escravisa-se. Estas ideias tornam a aristocrata, já de si muito orgulhosa, um sér altivo, prepotente, sonhando uma virilidade facticia e julgando-se feliz no dia em que Jacques lhe obedecer cegamente tornando-se d'uma passividade feminina, um instrumento debil nas suas mãos potentes.

Isto realisa-se, Raula adora aquelle homem effeminado, recebe-o por marido e despreza o barão motejando do seu amor.

Trocam-se os papeis entre os conjuges. O sér activo torna-se passivo e vice-versa.

O dia em que Jacques, em trajos femininos a atraicção, ella prepara-lhe uma cilada para se desfazer d'elle. Morto o desgraçado artista cuja belleza corporal causára a admiração do seu proprio matador, Raula de Veneranda continúa a amal-o em effigie.

A imaginação do romancista sobresaé é verdade, n'estas paginas scintillantes, mas a realidade toma tambem umas proporções assombrosas. Assumpto tão estranho parecerá a muitos inverosimil, mas de facto o não é pelas razões que atraz deixamos iniciadas.

Aos moralistas convencionaes sobretudo deve interessar muito este problema da libertinagem antiga e moderna. São elles que nos devem dizer se é mais degradante o unico prazer dos sentidos, a idealisação da materia, como se manifesta em Raula de Veneranda, se a prostituição como todos a comprehendem; se são mais ignobeis e infamantes na mulher exaltações do seu espirito que o abandono do seu corpo aos caprichos do homem, desde que ella por um preceito social é considerada um ente desprezível se não soube conservar-se pura e immaculada, se obedeceu apenas aos instinctos animaes. O acto material e puramente animal deshonra a mulher quando não intervem o Evangelho ou o Codigo. Exige-se d'ella uma honra muito convencional. A protagonista do romance de Rachilde, comprehendendo tudo isto, entrega-se a um prazer que a não prejudica, transigindo pois com a moralidade social e podendo dizer a todo o mundo que é uma mulher honesta ou perfeitamente rehabilitada. Para satisfazer completamente ao ideal masculino, o romancista toma para these as transcriptas palavras de Catulle Mendès. Assim ninguem poderá estigmatizar o sexo fragil porque se não prostitue physicamente, antes pelo contrario esmaga os instinctos naturaes. Como se vê, este romance apresenta um dilemma de que se torna urgente sahir.

A sua linguagem é simples e elegante, as descripções rapidas e d'um colorido attrahente; os personagens como Maria Silvert, irmã de Jacques, Martin Durand, Revé, o barão Raittolbe, M.^{me} Ermengarda, acham-se admiravelmente esboçados.

Lê-se d'um folego este volume, tal é a belleza da sua fórma e o interesse que nos desperta os incidentes imprevisos que constituem a acção. Agradecemos a offerta do illustrado editor.

Le Commandeur Mendoza

Precede este romance do illustre escriptor hespanhol D. Juan Valera, um bello prefacio do traductor M. Albert Savine. N'este prefacio o distincto

escriptor francez revela-nos o seu perfeito conhecimento do auctor da *Pepita Jimenez* até nos menores detalhes da sua vida intima e tambem da lingua que brilhantemente traduz.

A critica dos dois paizes louva o snr. Savine pela fidelidade da sua traducção com o que plenamente concordamos.

O romance de que hoje damos noticia circula como obra realista de grande valor. Elle tem a côr local, é uma pintura attrahente dos costumes provinciaes, possui acção dramatica muito intima e muito interessante; exhibe alguns caracteres com traços verdadeiros; o estylo não fatiga o leitor porque é ligeiro e natural, o assumpto tem grandeza e elevação. Mas, francamente, os typos principaes são muito convencionaes; o dialogo, ás vezes declamatorio, faz-nos recordar os moldes do ultra-romantismo. Se a acção nos encanta pelo intuito, desconsola-nos pela inverosimilhança.

Juan Valera não é o romancista do moderno gosto; a sua educação romantica não o deixa ser exacto. Possui uma bella fórma, uma imaginação surprehendente; revela-nos as suas excellentes faculdades creadoras é verdade, mas não o moderno gosto artistico. Nada mais convencional do que esses personagens que se chamam o commendador Mendoza, antigo amante de D. Blanca, a esposa culpada « que soube chorar e morrer não tendo sabido viver », o padre Jacintho, D. Valentim e Lucia. O espirito catholico do auctor resalta em todo o romance, e eis porque elle viu as coisas através d'um falso prisma. A moderna obra d'arte para ser bella não ha de obedecer a nenhum prejuizo; ella não o poderá ser se o seu creador não fôr um espirito completamente emancipado e livre.

Poderá pois este romance interessar pelo enredo, pela fórma, pelo sentimento romantico, pelos arrosos do genio hespanhol, pela dissertação ca-suistica applicada ao adulterio, pela these emfim, mas não como peça artistica que exprima a realidade, pura, o eterno fundo humano, todo contradicções, hesitações e duvidas, cuja revelação constitue o que se chama a bella e duradoura obra d'arte.

REIS DAMASO.

Lo Llamp y 'ls temporals per D. CELS GOMIS — Barcelona, 1884 (Bibliotheca popular de la *Associació d'excursions Catalana* (vol. 1). xxiv-72 pag. 6 rals.

Temos em nosso poder, ha alguns mezes, este volume com que a benemerita « Associação de excursões catalã » inaugurou a sua bibliotheca de tradições populares e que é sem contestação um valioso serviço prestado á ethnographia pela abundancia de materiaes que existem n'aquella região por ora tão pouco explorada, apesar dos esforços dignos de menção de Manuel Milá, Pelay Briz, Maspons y Labrés e outros escriptores catalães. A « Associação de excursões catalã », cujos boletins e annuarios encerram já grande cópia de dados folkloricos a par de uma riquissima collecção de elementos scientificos de differentes naturezas, entendeu de inadiável necessidade unir todos os esforços e systematisar a colheita de tradições, afim de explorar o vastissimo campo antes que a acção niveladora da civilização apague inteiramente esses vestigios dos estados rudimentares e atrazados

da mentalidade popular. Tomou, portanto, a louvavel resolução de fundar esta bibliotheca, da qual saiu já o presente volume e estão em via de publicação os *Cuentos populars catalans* pelo snr. Maspons y Labrós, *Ethologia de Blánes* pelo snr. Cartils y Vieta e *Meteorologia popular* pelo snr. Cels Gomis.

O livro, cujo titulo serve de epigraphe a esta noticia bibliographica, abre com um prologo do distincto folklorista Maspons y Labrós ácerca da importancia dos trabalhos folkloricos e seu desenvolvimento na Catalunha, occupando-se detidamente das tradições colligidas por Cels Gomis e publicadas n'este volume.

O ensaio sobre *Lo Llamp y 'ls temporals* divide-se em cinco capitulos: *Pedras de raio, Temporaes, Remedios contra os raios e os temporaes, Orações populares contra o raio, Dictos sobre o raio e pronosticos que d'elle se deduzem*. São bastantes os materiaes colligidos, sendo muitos d'elles communs á tradição portugueza, como o snr. Cels Gomis evidencia, approximando-os dos que tem sido publicados pelo nosso amigo Leite de Vasconcellos nos seus estudos ácerca dos *Amuletos populares portuguezes* e da *Carmina magica do povo portuguez*. É um excellente trabalho.

Fecha o volume com um apendice, formado por um curioso artigo de I. C. Maurer sobre *O toque do mau tempo e os conjuros contra os temporaes no Tirol*, traduzido para a lingua catalã pelo illustre director das publicações da Associação, o nosso amigo D. Ramon Arabia y Solanas.

TEIXEIRA BASTOS.

REVISTA DAS REVISTAS

FRANÇA

LA REVUE INDEPENDANTE, politique, littéraire et artistique. — Paris. Publiou-se o n.º 5 do segundo semestre, cujo summario é o seguinte :

I — La Redaction: *Programme pratique*. II — M. Stephane Mallarmé: *Deux Sonnets*. III — M. Joris Karl Huysmans: *L'Emblème*. IV — M. Jean Moréas: *Notes sur Schopenhauer*. V — M. Jean Lorrain: *La Destinée*. VI — Mr. André Lefevre: *La Morale*. VII — M. Louis Desprès: *M. G. Leconte de Lisle*. VIII — M. Oscar Méténier: *La Chair*. IX — M. Maurice Barrés: *Chronique du mois*. X — *Les livres. Notes sur Dostoïevsky*. XI — *Vie parisienne. Rue. Parlement. Sport*.

Por algumas vezes temos já exposto a nossa opinião sobre esta revista orgão do moderno movimento naturalista e materialista, collaborada por alguns dos mais notaveis escriptores francezes. Ella veio preencher uma lacuna muito sensivel destacando-se da vulgaridade com o intuito demolidor das velharias. Os homens e as cousas são alli analysados por um prisma diverso d'aquelle que a rotina prefere.

No numero que temos presente sobresaem o artigo da redacção, *Programma pratico*, de que abaixo transcrevemos alguns pontos principaes; *L'emblème*, de Huysmans, um vigoroso discipulo de Zola; *Notes sur Schopenhauer*, de Jean Moréas; *La Morale*, de André Lefevre; *Leconte de Lisle*, de Louis Desprès, o talentoso author do romance *Autour d'un clocher*, actualmente preso por escrever esta vivissima obra artistica, e *La Chair*, conclusão do curioso conto de Oscar Méténier, que é uma perfeita cópia do natural.

No *Programma pratico* que é a expressão do ideal politico dos redacto-

res da *Revue Indépendante*, lê-se entre outros periodos os seguintes que julgamos opportuno traduzir: «Hoje os peiores soffrimentos se supportam silenciosamente. A nação turbulenta por excellencia, aquella que por muito tempo teve a gloria de abrir ás suas irmãs os caminhos do futuro, e soube nas horas de febre enfeixar como uma seara madura toda uma casta d'oppressores, a patria de Vercingétorix, d'Etienne Marcel, de Danton, de Chauvette, de Delescluse e de Blanqui, tornou-se semelhante a um rebanho ao qual não interessam os clamores dos pastores e para quem tudo acaba no começo da pastagem. Se alguns perspicazes, pobres Cassandras, que ninguém ouve, não soubessem as amarguras, os odios e os furores que elle occulta sob este verniz da resignação, crêr-se-hia que a provisão de energia do povo da França está definitivamente esgotada, sem que lhe reste mesmo a esperanza d'um dia melhor. Fatigam-se, com o andar do tempo, o heroismo, a paciencia impagavel e as batalhas sem proveito. Á força de soffrer e de combater para substituir os abusos sem os destruir, acaba-se por crêl-os immortaes. Quanto mais isto muda mais se reproduz a mesma cousa. Posto isto para que vale lutar, para que alimentar ainda um ideal impossivel ?

Depois de tantos esforços perdidos, tantos sonhos desfeitos, o povo não tem mais onde firmar suas esperanças. Para galvanisar sua apathia, para arrancar-a ao seu fatalismo insolidario e desanimado, não é necessario sómente homens novos mas tambem ideias novas, uma fé nova, captivante e dominadora, um desvendamento completo de horisontes ineditos. Esta fé nova, a religião de amanhã, — religião scientífica e ciosamente humana — é o socialismo. Desgraçadamente, para se fazer obra util e fecunda, é necessario que o socialismo comece por se desembaraçar dos socialistas. É necessario que estabeleça o seu terreno de propaganda e d'acção por fóra e por cima da effervescencia facticia creada e entretida pelas bafordas de agitadores e sectarios de todas as feições que se enamoram ambiciosamente d'este nome.

Nós temos já dito o que pensamos d'esta bohemia, para a qual, — como para a ideia — a peor desgraça seria um triumpho immediato.

.....
... a maior parte dos socialistas sinceros, sérios e probos, têm-se retirado da brecha ruminando para consumir o tempo as migalhas bolorentas de suas illusões.

Nós conhecemos centenas de individuos n'estes casos, de todas as escolas e de todas as condições. São estes que se trata de reunir. São estes os destinados a formar os quadrados e o nucleo do grande partido revolucionario ao qual pertencerá a honra de lançar, com o auxilio da multidão anonyma, as bases da verdadeira Republica.

.....
Na verdade, o povo não espera, para recuperar a sua febre das grandes epopéas d'outr'ora, senão uma vanguarda e um programma. Qual será este programma ?

Eis, salva a correcção, o que elle deveria ser :

1.º — Instrucção materialista integral, isto é, scientífica, militar e professional em todos os graus. — Adopção pela communa dos orphãos e creanças pobres.

2.º — Suppressão das egrejas. Regresso ás communas dos bens ecclesiasticos ou monasticos de *mão-morta*.

3.º — Abolição das successões collateraes.

4.º — Suppressão das sinecuras e dos officios ministeriaes. — Reducção dos grandes ordenados a uma cifra maxima.

5.º — Abolição gradual de todos os impostos começando pelos indirectos e os direitos de alfandega.

6.º — Creação de caixas departamentais de seguros contra os flagellos naturaes, as faltas e accidentes do trabalho, a velhice e as enfermidades. — Banco de credito popular a juro reduzido, abonando a todos os trabalhadores offerecendo sufficientes garantias intellectuaes e moraes, o capital necessario ao primeiro estabelecimento.

7.º — Elevação, a serviços publicos, da hygiene e da estatistica sociaes.

8.º — Convocação d'um Congresso de todas as potencias civilizadas com o fim de provocar o desarmamento geral e a conclusão d'um tratado relativo á organização de arbitragem internacional.

9.º — Abrogação da lei de 1872 sobre a Internacional.

10.º — Amnistia plena de todos os condemnados politicos.

11.º — Restauração das franquias municipaes. — A communa soberana de seu orçamento, de sua administração, de sua policia. Obrigação do conselho municipal de discutir, em um prazo determinado, os projectos que lhe forem submittidos por um quarto, pelo menos, dos eleitores inscriptos. Aplicação de direito aos negocios municipaes do *veto* popular (*referendum*), quando fôr reclamado pelc mesmo numero de cidadãos.

12.º — Suppressão do Senado.

13.º — Justiça gratuita. — Jury correccional. — Reconhecimento legal do direito dos pleiteantes de submeter suas pendencias a arbitros da sua escolha.

14.º — Revisão, no sentido democratico, de interesse do maior numero, dos contractos que têm alienado certas fracções da propriedade publica, minas, caminhos de ferro, etc., nas mãos do feudalismo financeiro. Abolição dos monopolios.

15.º — Convocação, ao lado do parlamento, d'uma convenção nacional, com a missão especial e determinada de revêr, não sómente a nossa constituição politica, mas todas as nossas leis e instituições sem excepção, e de lançar as bases d'um novo pacto economico, de proceder, em uma palavra, sob a inspiração do povo soberano, immediatamente convidado a formar os seus cadernos como em 1789, para a « liquidação social. »

Na secção *Grandes acontecimentos*, aprecia ainda os funeraes de Jules Vallès, nos seguintes termos :

« Notabilidades que acompanharam o cortejo : H. Rochefort, G. Clemenceau, Tony Revillon, Laguerre, Vaillant, Guesde, Piéron, Joseph Caraguel, Paul Alexis, etc. Agradecemos aos socialistas allemães o haverem valentemente defendido a sua humilde corôa contra a aggressão d'alguns imbecis. Elles provaram que a união dos povos é possivel, não obstante os Ferry, Waldeck, Ranc, Spuller, Déraulède e outros especuladores do patriotismo. Bravo, amigos, saude e obrigado ! »

LA MINERVE — revue moderne, artistique et litteraire, dirigida por Charles Buet. — Paris.

Publica-se mensalmente um fasciculo de 100 pg. in-8.º

No n.º 2 que temos á vista sobresaem os seguintes trabalhos : *Un chancelier de Navarre*, por Hubert Toussaint — *Etudes normandes*, por Frédéric Godefroy. — *L'invisible*, por Charles Buet. — *La vie littéraire en Espagne*

(suite et fin), por Albert Savine. — *Une liquidation inévitable*, pelo Baron Ernouf.

LA MINERVE não pertence a nenhuma escola, não está enfeudada a nenhuma doutrina litteraria, não trata as questões religiosas, nem as questões politicas, nem as questões sociaes, pretendendo conservar-se eclectica no dominio das artes e das letras.

LES TACHES D'ENCRE — Gazette mensuelle por Maurice Barrés. — Paris. Recebemos o n.º 3 correspondente ao mez de janeiro. O seu summario é o seguinte: I — (Notes d'un ami) Paul Alexis Frublot. II — Psychologie. Une nouvelle manière de sentir (MM. Leconte de Lisle et Sully Prudhomme). III — Nouvelle de Phillippe Daigno. IV — Gazette du mois. V — Moralités.

É primoroso o artigo — *Une nouvelle manière de sentir*, completamente novo e scientifico.

HESPAÑHA

LES MATINÉES ESPAGNOLES, n.ºs 2 e 3, correspondentes ao mez de fevereiro — dirigida por Baron Stock. — Madrid.

A maior parte dos artigos d'esta Revista não exprimem ideias. Sómente os estylistas terão alli alguma coisa que aprender. No emtanto um trabalho é digno de nota. Intitula-se elle: *Le Roman à l'étranger*, que se occupa do delicado romancista italiano Salvatore Farina.

LES MATINÉES continuam a publicar a traducção do *Primo Bazilio* de Eça de Queiroz sem attentarem no merito da obra, talvez levadas apenas pelo ruido que esse livro produziu em Portugal e Brazil, e a *Historia da Inquisição* de A. Herculano.

(Continúa).

REIS DAMASO.